

futebol é uma invenção dos ingleses. Mas isso é um mero detalhe. Ele, futebol, escolheu ser "brasileiro" por opção, dada a nossa afinidade com o chamado "esporte bretão". Com uma extensão territorial digna de um continente, o futebol pôde prosperar em infindáveis campos utilizados para a sua prática.

Já disseram que o futebol tem a ver com o samba, com a Música Popular Brasileira, com o carnaval, com o cinema, o teatro e a literatura. Portanto, o futebol está intimamente ligado a nossa cultura.

Neste número da DF Letras, buscamos essa sintonia nacional, na unanimidade da Copa do Mundo disputada na França. A Seleção Brasileira, quando disputa uma Copa, vira o País de cabeça para baixo. Tudo pára, se transforma, se altera. O altar dos brasileiros passa a ser a "telinha". Apaixonado por futebol, o povo brasileiro vive uma catarse e se transporta, herói e triunfante, sobre os outros povos. É a "Pátria de chuteiras", como imortalizou Nélson Rodrigues. Somos os melhores do mundo! — dizem os mais exaltados.

Nesse caldeirão de emoções, fomos buscar dois trabalhos tratando sobre futebol e literatura. Em um deles, a professora da UFRJ e doutora em Antropologia Social, Simoni Lahud Guedes, apresenta um estudo antropológico sobre os significados do futebol brasileiro no livro "O Brasil no campo de futebol"; no outro, o professor de pós-graduação do Departamento de Letras da Universidade de Brasília, Pedro Jorge Salvador, aborda "O futebol na literatura brasileira — o espaço mágico do Maracanã". O tema é interessante e ao mesmo tempo apaixonante.

Chico Nóbrega Editor

ENTREVISTA

poesia cao

A parte do pêndulo que traz equilíbrio à literatura de Brasília - há segmentos que insistem em sua inexistência - está do lado de Anderson Braga Horta, à frente de sua conduta ética e, sobretudo, à frente de sua poesia totalmente personalizada. Anderson Braga Horta, pela construção de uma poética própria, pela elegância construtiva de seus versos, é reconhecido



ANDERSON BRAGA HORTA

nacionalmente, e a sua poesia, ao afirmar-se fora das fronteiras da ilha brasiliense, vem confirmar que a literatura existe no Planalto.

Quem está acostumado a vê-lo sempre numa postura de observador e moderador em todos os eventos literários da Capital - pois é, entre todos, o escritur mais freqüente e fiel da literatura brasiliense -, terá oportunidade de se encontrar, nesta entrevista, com seu outro lado, o lado lúcido e partícipe, intérprete das questões políticas de seu País e da valorização estética exigida por seu tempo, numa visão viva da atualidade em que está inserido.

Ainda recentemente, junto com Fernando Mendes Vianna, foi o representante de Brasília incluído e estudado n'A Poesia da Geração de 60 - Sincretismo, antologia organizada por Pedro Lyra. Mas sua trajetória teve início em 1971, com Altiplano e outros poemas, seguindo-se Marvário (1976), Incomunicação (1977), Exercícios de homem (1978), Cronoscópio (1983) e O pássaro no aquário (1990), além da antologia O cordeiro e a nuvem (1984), organizada e prefaciada pelo saudoso Antonio Roberval Miketen e editada por Victor Alegria.

Depois de passar oito anos sem publicar, Anderson Braga Horta prepara a edição de dois livros de poesia inéditos, já com títulos definidos (Quarteto Arcaico e Pulso). Sem esquecer que ele mesmo declara que tem pronto um livro de sonetos antigos, um de contos, outro de ensaios e conferências. E arremata: "E material para mais."

Se o pêndulo da poesia parasse agora, do lado de Anderson Braga Horta jamais existiria desequilíbrio. E se houvesse desequilíbrio, este penderia apenas para o lado da positividade, da sensibilidade e da coerência artística de um homem muito bem sintonizado com o seu tempo.

Entrevista concedida a João Carlos Taveira DF LETRAS - Neste final de século marcado pelas imagens, pelo fragmento e pela popularização do computador, os poetas continuam produzindo. Mas produzindo para uma elite cada vez mais comprometida com seu próprio umbigo. Como você se sente diante desse quadro desolador para a criação literária?

ABH - Meu caro Taveira, tentando responder dialeticamente a sua pergunta, peço-lhe que me permita analisar algumas das afirmações que ela contém, e talvez contestar - provisoriamente - alguns de seus elementos. Você verá, ao fim, que estamos de acordo, mas nesse estar de acordo há, me parece, algumas sutilezas, e algumas distinções.

Pra começo de conversa, diria que não se faz poesia "para". (Salvo certa poesia didática; mas isso é outra coisa.) É verdade que a poesia, pelo menos no sentido em que a entendemos você e eu, é uma arte de elite, o que quer dizer que, pelo requinte cultural que implica, só pode ser compreendida por uma elite intelectual e - espécie de corolário - só pode ser produzida por alguém que pertença a essa elite; não quer dizer que a poesia seja produzida - sublinho no verbo a conotação industrial - para gáudio dessa elite.

A arte é como uma oração. A poesia é sacrifício que o poeta oferece, em seu íntimo altar, a Deus, ao Cósmico, ao Alto, ao Uno, a Algo, enfim, que ele vê como Origem e como Meta; é missa que ele oficia, em seu templo interior - considere o deliberado romantismo da frase -, e que joga - também deliberada é a referência

lúdica - com o que ele tem de melhor, de mais refinado, de mais elevado. É alquimia espiritual. É instrumento de ascensão anímica. É oração e dança do espírito - coisas que talvez afinal se equivalham.

Mas a arte, a poesia, como qualquer oração, se tem nascedouro no indivíduo, procura foz no coletivo. Ela se quer de todos. Para que tal se realize, duas condições há: que ela, poesia, tenha grandeza bastante para tanto; e que os outros sejam capazes de comungá-la.

Quanto ao mais que se agasalha em sua pergunta, penso o seguinte: que o fragmento marca este fim de século tanto quanto a possibilidade holística; que a televisão (que vejo metonimicamente em sua expressão "imagens") e o computador são maravilhosos instrumentos, que podemos e ainda havemos de utilizar da melhor maneira; e que as elites, as elites culturais dignas dessa qualificação, voltam a expandir o olhar desde os próprios umbigos para as infinitas gradações da alteridade.

O quadro das circunstâncias é, ao mesmo tempo, desolador e estimulante. Tentar o poema - forma de ver e agir de extraordinária riqueza potencial, pela união maior que enseja entre o pen-

sar e o sentir - é oferecer um tijolo
à obra de autofazimento da humanidade, gesto de particular importância neste momento crucial que impomos ao Planeta. É fundamental que os poetas
continuem produzindo. Que os nossos tijolos sejam resistentes
e que a nossa argamassa não seja bastarda.

Sinto-me, pois, como um operário - entre milhões - de uma obra que pode se revelar

DF LETRAS

magnifica. Depende de todos e de cada um.

DF LETRAS - Sem divulgação e, consequentemente, sem leitores, de que modo a poesia poderá resgatar o seu papel libertador?

ABH - É preciso educar. Não apenas instruir para o vestibular ou para um ofício, mas verdadeiramente educar, isto é, instrumentalizar o jovem para a percepção do universo, para o conhecimento de si mesmo, para o entendimento de que a vida é a mais bela explosão cósmica, e de que é solidária.

Vivemos um momento de massificação, mas vislumbro indícios de uma vital revalorização do indivíduo. (Tenhamos presente que o coletivo começa no individual e que, portanto, não pode dar boa coisa o cole-



tivismo que não se esmere na consideração da pessoa.)

Continuemos rezando a nossa oração...

DF LETRAS - Fala-se muito em crise moral e ética, sobretudo na classe política. Tendo trabalhado na Câmara dos Deputados durante 40 anos, como conseguiu conviver com barreiras e conflitos ideológicos tão castradores?

ABH - Castradora é a supressão do conflito, ou melhor, da sua manifestação, de que temos tidos exemplos infelizmente tão repetidos. A Câmara reflete o que se passa no País. Trabalhar nela é, do ponto de vista crítico em que você se coloca, semelhante a trabalhar na imprensa, no comércio ou numa profissão liberal. Com uma vantagem que devemos reconhecer: atuar nesse meio é atuar no centro de gravidade da Nação. Com todos os

defeitos que maculem a representação em dado momento, a instituição parlamentar é - não conseguimos criar-lhe substituto eficaz - essencial ao florescimento do que chamamos democracia. Tanto assim é que as ditaduras modernas esforçam-se por manter corporações que se lhe assemelhem, que exerçam ou aparentem exercer ao menos uma parte das atribuições que universalmente se lhe reconhecem como próprias.

DF LETRAS - Desde Altiplano e outros poemas até o ainda inédito Quarteto Arcaico, sua poesia vem ganhando prêmios e se consolidando como obra de enorme fôlego estético. Do ponto de vista do criador, isso o realiza?

ABH - O poeta se realiza no poema. Realiza-se, pois, em altitudes variáveis... Às vezes tem a ilusão de haver alcançado um píncaro, ou um pa-



tamar elevado; quase sempre, porém, o morde a percepção de que é ainda pequeno para as alturas do Sonho. Os prêmios, e elogios como o contido na sua generosa adjetivação, agradam e estimulam.

DF LETRAS - Sua atividade literária não se resume à poesia. Você, além de contista, de cronista, vem trabalhando também na área do ensaio e da crítica. Como concilia tudo isso com a profissão, com a leitura e com a melomania?

ABH - Tudo é matéria de literatura. Tudo conflui na poesia, que é refinamento e que é síntese. Quanto ao exercício da profissão, tem só a ganhar com o alargamento do horizonte cultural. E sempre se consegue tempo para o que se ama.

Já quanto à música... é uma das criações do homem que o justificam.

Meu apreço por essa produção máxima da criatura humana está expresso em muitos de meus poemas. O amor à música e a frustração de não ser música é, por exemplo, a matéria de um poema de *Cronoscópio* que peço licença para reproduzir:

Aglossia

Misturam-se, difusos, no limbo da palavra embriões de idéias, sentimentos

informes ainda.
Ó estados nebulosos,
ó gestações obscuras,
indizíveis cousas!
De humano, só na música
traduzis vosso gesto.
E não saber recompor-vos
em notas e silêncios
os equívocos movimentos
e súbitos repousos,
calar, sem língua! o vosso
matinal universo ai, muda corda no peito!

Se tempo não me sobrar para a música, para que tanto tempo?...

DF LETRAS - Drummond, numa entrevista admirável a Edmílson Caminha (Palavra de Escritor, Thesaurus, 1995), mostrou-se muito pessimista em relação à poesia contemporânea. No seu entender, os novos poetas "estão ébrios, tomaram pileque de liberdade". E foi mais fundo: "O Modernismo teve esse mal." Você acredita na superação dessa herança por parte das novas gerações?

ABH - Obedecemos à lei do pêndulo, que, se vai todo para um lado, tende a voltar todo para o oposto... A lei física, enunciada por Newton, segundo a qual a toda ação corresponde uma reação igual e contrária tem aplicabilidade também no âmbito social. É de nossos dias uma confirmação radical disso: após vinte anos de ditadura, de intolerância, de arbítrio,

de censura, fizemos da liberdade, da abertura, quase um absoluto, uma verdadeira mística, a que tentar impor um limite pode irrogar a pecha de indecente. É a embriaguez a que se refere Drummond, e que sucede à repressão, à rigidez normativa.

Mas o pêndulo, em última análise, tende ao equilíbrio... Que não seja total, pois ficaria muito parecido com a morte.

DF LETRAS - Ainda não falamos de uma outra atividade a que você se dedica: a tradução. Como é, para você, o ato de traduzir poemas?

ABH - É preciso entrar no poema, para bem traduzi-lo. Não apenas estudar-lhe a estrutura métrica, estrófica, rítmica, rímica, sin-

tática, as exterioridades, enfim, mas tentar penetrar-lhe as íntimas ligações vocabulares, as mais difusas conotações, o sentido estético, fugaz que seja; não apenas a análise, mas também, e principalmente, a apreensão gestáltica.

Vamos a um enfoque mais prático. O primeiro passo para traduzir um poema é, obviamente, conhecê-lo; o segundo, amá-lo; ou, quando nada, sentir-se instigado pela dificuldade que apresente - e, nesse caso, traduzir é uma forma de conhecer. Claro que é possível bem traduzir profissionalmente, caso em que pode não haver o segundo elemento; mas prefiro falar da tradução sem compromisso, amadorística (no melhor sentido), que é a que tenho tentado. A afinidade com o objeto da tradução é meio caminho para um bom resultado.

Não esquecer o arroz-com-feijão do tradutor de poemas: fidelidade (inclui a resistência à tentação de "aperfeiçoar" ou "atualizar" o original) mais qualidade estética (isto é, que o poema traduzido não soe como tal, não se traia num sotaque rebarbativo, mas dê a impressão de ter sido escrito diretamente na língua segunda, ainda que a inovando).

A fidelidade é mais dificultosa do que geralmente se pensa. Implica não apenas competência interlingüística, mas ainda uma sensibilidade que eu diria lúdica: saber optar, caso a caso, passo a passo, entre ser fiel antes às qualidades formais (melopéia, fanopéia,

principalmente) ou antes ao arcabouço lógico-sintático, por exem-

Muito difícil, tudo. Mas um belo exercício; além do mais, imprescindível à saúde das literaturas nacionais.

escritores são contrários às atividades acadêmicas. Julgam as academias "igrejinhas" ou locais de encontros vazi-Como 05. acadêmico, o que tem a dizer?

ABH - As academias a que se refere a pergunta surgiram com o objetivo de debater assuntos literários. Frequentemente, como é natural, se elegiam vultos e obras do passado. Hodiernamente, a sua condição de agremiações organizadas, que se desejam perenes e a que se pode candidatar apenas quem já tenha considerável obra realizada, parece fadálas ao culto da tradição, embora não as obrigue à recusa do novo. A esse conservadorismo intrínseco some-se o fato de muitas delas, no passado, se terem constituído para o louvor de personalidades poderosas ou se terem perdido em jogos literários fúteis ou ridículos, e temos a origem da animadversão que lhes votam algumas pessoas.

Ora, uma academia é o que os seus membros queiram e possam fazer dela. Será uma corporação para abrigar panelinhas literárias, um local de encontros vazios ou um centro coletor e irradiador de cultura. Lembre-se de que um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras foi ninguém menos que o fabuloso Machado de Assis.

DF LETRAS - Filho de

poetas e irmão de escri-



ABH - Nascer de pais poetas deume, com certeza, um condicionamento positivo. Desde muito cedo cultivei o hábito da leitura. Lia tudo o que me vinha às mãos, de Monteiro Lobato a Susana Flag (pseudônimo de Nélson Rodrigues, de Nietzsche que, naturalmente, não podia assimilar às revistas em quadrinhos. Meu in teresse em escrever poesia surgiu em Manhumirim onde cursava o gi nasio e em Leopoldina, onde fiz o classico, encontrei atmosfera ideal para o despontar dos primeiros versos. Mas o acidente mais notavel de minha formação poetica foi, ainda em Manhumirim, o subito onhecimento da exploao vocabular de Castro Alves ("O navio negreiro", no Tesouro da juventude).

Houve, depois, outras explosões de beleza, propiciadas por Bilac, Antero, Camões, Alphonsus, Cruz e Sousa, Drummond, Cecília, Pessoa... Mas a de Castro Alves foi a mais magnífica, porque a primeira, e a iniciadora.

DF LETRAS - Agora, uma pergunta que não me privo de fazer a todo poeta: qual o seu processo de criação? Quando e como nasce o poema?

ABH - O poema nasce quando quer. O ritmo, a idéia, a imagem, às ve e todo um verso, a semente do poema se oferece de improviso. Em geral é algo muito vago, uma nebulosa que gira na mente do poeta; mas pode ser o verso inicial, como pode ser o fecho de um soneto. Daí para a realização do poema vão algumas horas, ou dias, ou meses, e sempre muito trabalho. Quase sempre: há poemas que se oferecem meio feitos.

Não será assim com todos. Mas é assim comigo.

Em minhas reflexões sobre o poé-



tico tenho anotado que o poeta joga com dois elementos: inspiração e construção. O primeiro não se manifesta sem o segundo - seria como uma alma sem corpo. Há, todavia, poetas cerebrais que afirmam prescindir do que chamo inspiração - o gérmen dado ou intuído. Mas até um poeta de construção, orgulhosamente intelectual e antilírico por excelência, como João Cabral de Melo Neto ("Esta folha branca / me proscreve o sonho, / me incita ao verso / nítido e preciso", diz em "Psicologia da Composição"), parece admitir, ainda que sob uma capa de ironia, algo dessa ordem, por exemplo, em "O último poema", de Agrestes, ao dizer: "Não sei quem me manda a poesia".

Não dispenso a disciplina, o lavor, o rigor na construção do poema. Mas, se não me vem espontânea a centelha, a fogueira queima em falso... ou não queima. Tentei, há anos, a via intelectual autônoma: todo dia me obrigava a escrever, a página branca dian-

te dos olhos, movendo a pena uma experiência já ponderável do fazer poético. Fazia. Mas o poema não prestava. (Há, todavia, um truque para cutucar a inspiração, para provocar o poema: suscitar o estado de poesia pela leitura de poesia, pela audição de música, enfim, por qualquer maneira adequada à sensibilidade do poeta; ou estudar o tema desejado, meditar sobre ele e largálo, deixando que o subconsciente trabalhe, até emergir a fagulha detonadora.)

Assim, apesar de toda a disciplina, todo o formalismo que, com razão, me imputam, considero-me um poeta de *inspiração*.

DF LETRAS - Seu livro mais recente, O pássaro no aquário, foi publicado em 1990, portanto há oito

anos. Quais os seus planos editoriais para o presente?

ABH - Planejo publicar uma reunião de meus livros editados, acrescidos de dois inéditos feitos com as sobras das versões definitivas de Exercícios de homem e Cronoscópio - versos ditados pelo ódio à ditadura, cujo teor circunstancial os expulsou desses livros, literária e filosoficamente, se assim o posso dizer, mais ambiciosos. Estão prontos para impressão os volumes de poemas Pulso e Quarteto Arcaico; este, prestigiado pelo seu prefácio. Acha-se no prelo da Thesaurus uma antologia temática da poesia de Álvares de Azevedo. Outra antologia, de Alphonsus de Guimaraens, que chegou a ser aprovada pelo extinto Instituto Nacional do Livro, permanece inédita. Tenho ainda prontos um livro de sonetos antigos, um de contos, outro de ensaios e conferências, uma antologia pessoal de poemas sobre linguagem e sobre poesia. E material para mais.



características do
negro, o futebol
descende da capoeira.
Envolve-se entre
malabarismos de
corpo, fintas, gingas,
rasteiras e simulações
vistosas aquecidas
pelo sangue.

□ PEDRO JORGE SALVADOR

O objetivo deste artigo é mostrar que, na literatura brasileira do século XX, o jogo de futebol é uma força temática, especificamente quando atua a Seleção Brasileira de Futebol, fazendo emergir sentimentos de nação e de identidade nacional, pelo contexto de massa que provoca, constituindo-se o Maracanã num espaço mágico e signo desse contexto.

Muitos interpretam o jogo de futebol no Brasil como ópio, pão e circo do povo, alienação e manipulação do poder. Em minha dissertação de mestrado: Poder e racismo, ideologia de Maracanã, adeus, onze histórias de futebol, de Edilberto Coutinho, examinei o texto literário, à luz da semiotização do acontecimento futebol, desestruturando personagens e espaço, conduzindo-os ao vazio, segundo a Semiotização literária do discurso.

Os onze contos que integram o livro de Edilberto Coutinho problematizam a alienação, a manipulação do poder e o racismo, num determinado momento histórico do futebol no Brasil.

Em minha tese de doutorado - O jogo mágico do Brasil no Maracanã, delimitei um corpus literário no percurso histórico de 1921 a 1994. Na produção literária de renomados escritores brasileiros, detectamos não só o processo evolutivo histórico do futebol no Brasil, como também, e principalmente, os sentidos de identidade de nação e de felicidade que o jogo da Seleção Brasileira de Futebol passou a significar para o povo brasileiro, como um fenômeno social importante.

Sabemos que o membro de uma nação não se vê isolado. É preciso que se veja em uma unidade maior com a qual se sente relacionado. Elias Canetti propõe que não é a língua, não são as fronteiras geográficas, não é a história que traduz essa unidade maior: é uma massa ou símbolo de massa. O membro de uma nação sempre vê a si mesmo, em rígida relação com determinado símbolo de massa que chegou a ser o mais importante para sua Nação. Nesse retorno regular, nesse emergir, quando o momento assim o exige, está a continuidade do sentimento nacional. É exatamente este o ponto a que queremos chegar. Para o povo brasileiro, o símbolo de massa que tem representado essa unidade maior a que os indivíduos se sentem relacionados é o momento de jogo de futebol da seleção brasileira, tendo-se tornado o Maracanã um espaço mágico e um signo desse contexto. A massa de torcedores brasileiros vivenciou em 1950, no Maracanã, uma tragédia, como expressou Nélson Rodrigues: "... cada povo tem a sua irremediável catrástrofe nacional, algo assim como uma Hiroshima. A nossa catástrofe, a nossa Hiroshima foi a derrota frente ao Uruguai, em 1950".

Por outro lado, em 1970, no México, a sagração do futebol brasileiro com a posse definitiva da taça Jules Rimet, como tricampeão mundial, moveu o poeta Carlos Drummond de



Garrincha, a alegria do povo, comemora mais um gol na Copa de 62, no Chile

Andrade a escrever "Copa do Mundo de 70". Contém o poema 97 versos, com dois subtítulos: I - Meu coração no México e II - O momento feliz, que pré-anuncia o estado anímico do eulírico: envolvimento emocional e inconsciente com o jogo da Seleção Brasileira após a predominância inicial de recusa consciente a esse envolvimento, e identificação com os jogadores da Seleção nesse contexto de massa, vivenciando a identidade de Nação e intensas sensações de felicidade.

Torce, retorce e se distorce todo, grita Brasil! com fúria e com amor (v. 15-16)

membros polifônicos de um corpo só, belo e suado. (v. 47-48) É goooool na garganta florida. (v. 53)

... pelo país inteiro em festa de abraçar. (v. 62)

....jogo em Pelé o sempre rei republicano

o povo feito atleta na poesia do jogo mágico:(v. 66-68)

De repente o Brasil ficou unido contente de existir. (v. 81-86)

De certo modo poderíamos afirmar que o poema "Copa do Mundo de 70" de Carlos Drummond de Andrade vale por si só toda uma literatura, tendo como tema os sentidos do jogo de fu-

... olhava em torno, tudo era nacional! Desconfio que em casa ou ilhados nos bondes, também tinham sentido a mesma inquietação que eu disfarçava.

... Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol!

66 O drama futebolístico agora é uma tragédia clássica",

"... vi velas acesas em todas as esquinas, mas muitas velas mesmo, dezenas e centenas de velas, o que tornava a cidade do Rio de Janeiro um velório.

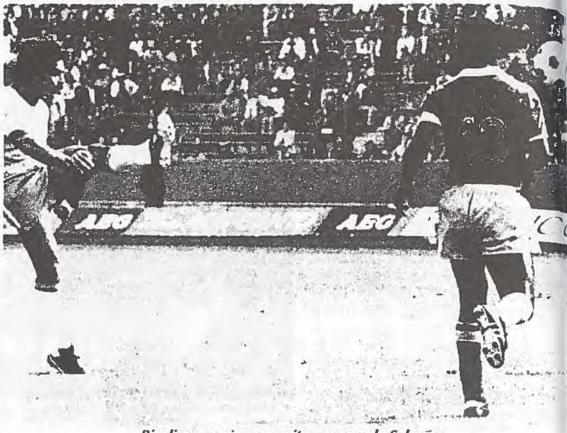
tebol no Brasil. Haja vista que, mesmo sagrando-se tetracampeão mundial, em Los Angeles, em 1994, na XV Copa do Mundo, não surgiu um texto literário significativo que expressasse as vitórias do Brasil ou exaltando Romário, então considerado o melhor jogador do mundo.

No entanto, o período de implantação do futebol, tendo em Charles Miller o seu primeiro organizador, em 1894, parte de características de puro divertimento de uma classe social privilegiada, até a década de 1920. Daí por diante, começa a assumir sentido nacional, tornando-se um jogo popular e recebendo todo o apoio oficial dos poderes públicos.

Gilberto Amado, fecundo ensaísta, escreve, em 1921, uma crônica "Assun-

to sério", enfocando o futebol como expressão da nacionalidade, a propósito das Olimpíadas em Antuérpia, na Bélgica. Pode ser considerado um dos primeiros textos na literatura brasileira sobre a importância e o sentido da Seleção Brasileira, em competição internacional. "Trata-se, portanto, de assunto sério, uma vez que a Nação está em jogo..." "... quanto vale hoje o esporte, como expressão de cultura, educação e saúde, de um povo..." "... para evitar que o Brasil seja coberto de ridículo."

. Ana Amélia, em 1926, em seu Livro de Poesias Alma, publica a primeira poesia de autoria feminina, "O salto", com a temática do futebol, na literatura brasileira. Soneto na estética parnasiana,



Rivelino, que jogou muitas vezes pela Seleção, tinha na força do chute a sua maior característica

de certo modo preludia o que seria o futebol no Brasil, pelos temas "herói", "massa", "deus".

Mário de Andrade, um dos mais geniais escritores da moderna literatura brasileira, escreve em 1939 "Brasil-Argentina". Sempre profundamente preocupado em perscrutar e expressar a alma do povo brasileiro e a cultura nacional, assim vê o jogo da Seleção Brasileira de Futebol:

"... olhava em torno, tudo era racional! Desconfio que em casa ou ilhados nos bondes, também tinham sentido a mesma inquietação que eu disfarçava.

... Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol!

Que saltos, que corridas elásticas! Havia umas rasteiras sutis, uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas!"

Mas foi em 1938, quando o Brasil conquista o 3º lugar na III Copa do Mundo, na França, com o artilheiro Leônidas - o Diamante Negro - e Domingos da Guia - El Divino Maestro - que o futebol brasileiro projeta internacionalmente o nome do Brasil. Gilka Machado publica "Aos heróis do futebol brasileiro". Pela primeira vez em poesia na literatura brasileira, e de autoria feminina, está manifesto no contexto de massa o sentido profundo de Nação, provocado pelo jogo da Selecão Brasileira de Futebol.

Heróis do dia

Há quarenta milhões de pensamentos impulsionando os vossos movimentos Que os Leônidas e os Domingos

Fixem na retina do estrangeiro

> a milagrosa realidade Que é o homem do Brasil! Aos vossos pes geniais Curvam-se, reverentes, os cerebros do Universo. Em vossos pes heróicos depõe um beijo a alma do Brasil!

Foi em 1950, na IV Copa do Mundo, que o Brasil construiu o Maracana, o maior estádio de futebol do mundo, até hoje, com capacidade para 200 mil pessoas.

Na semiótica topológica, é importante ver o espaço Maracanã como uma forma suscetível de erigir-se numa linguagem espacial. Assim, o significante espacial, como objeto da semiótica, permite-nos uma dupla visão do espaço Maracanã:

- a) inscrição da sociedade no espaço;
- b) leitura desta sociedade através do espaço.

Temos aí, portanto, um significado cultural. O homem, para viver no mundo, sentiu a necessidade de fundá-lo, eliminando o caos, descobrindo e

projetando um ponto fixo, fazendo a "criação do mundo". Tanto a experiência sagrada como a profana orientam o homem para a vivência cosmogônica. O templo ou o círculo mágico não se distinguem formalmente de um espaço para simples jogos. O sagrado e o profano constituem duas situações existenciais do homem ao longo de sua história. O Maracanã tornou-se um espaço existencial susceptível de rupturas mágicas e comunicações com o transcendente.

Ernst Cassirer nos afirma que o espaço e o tempo formam o quadro onde se insere toda a realidade. Descrever e analisar as características específicas do espaço e do tempo para a experi-



Jairzinho, o furacão da Copa de 70, no México, fez parte de um dos melhores ataques da Seleção

ência humana é uma das tarefas mais interessantes e importantes para a filosofia antropológica.

O Maracanã, em forma oval de quatro centros, uma falsa elipse e com 32 metros de altura, ergue-se como uma "mandala". E, como nos diz Carl G. Jung, toda construção, religiosa ou secular, baseada no plano de uma "mandala" é uma projeção da imagem arquetípica do interior do inconsciente humano sobre o mundo exterior. A cidade, a fortaleza e o templo tornamse símbolos da unidade psíquica e, assim, exercem influência específica sobre o ser humano que entra ou vive naquele lugar.

Foi em 1950, no Maracanã, com as

vitórias do Brasil contra o México, a lugoslávia, a Suécia e a Espanha, que os brasileiros vibraram numa vivência existencial profunda, num contexto de massa, cantando e vibrando pelo Brasil.

O Maracana torna-se um mágico espaço, um signo de massa. Para o jogo final contra o Uruguai, "10% da população do Rio no Maracana, no dia 16 de julho, numa tarde fresca do inverno carioca, a cidade sobe, em festiva procissão, a rampa colossal do Maracana", narra Armando Nogueira no livro A Copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar - em conjunto com Jô Soares e Roberto Muylaert.

Jô Soares no texto "1950 era assim: Olé, olé, olé e gol", no livro acima referenciado, assim se expressa sobre os jogos de 1950 no Maracanã: "Para mim aquilo não era um jogo de futebol, era a minha primeira afirmação do Brasil como primeiro em alguma coisa". "Qualquer afirmação de brasilidade lá fora me emocionava, por mais boba que seja". "No final do jogo com o Uruguai na Copa de 50, ainda tenho viva e nítida na lembrança a saída do estádio" "... e aquilo

parecia uma saída de enterro ou de velório ... e era uma sensação de vazio na cidade e dentro da gente." Roberto Muylaert, no texto "1950: uma torcida jamais reunida", escreve:

"O drama futebolístico agora é uma tragédia clássica". "... vi velas acesas em todas as esquinas, mas muitas velas mesmo, dezenas e centenas de velas, o que tornava a cidade do Rio de Janeiro um velório, uma coisa inacreditável. Nunca vi ninguém destacar isso, mas a lembrança das velas para mim é indelével ..."

Assim termina a IV Copa do Mundo com o Maracanã transformando-se em signo de massa e de nação para os brasileiros, em festa pelas vitórias e



com o "espetaculo dantesco" após a derrota frente ao Uruguai.

Data de 29 de junho de 1958 o primeiro título do Brasil de Campeão Mundial de Futebol pela VI Copa do Mundo, realizada na Suecia.

Ferreira Gullar tece uma crônica "Campeões", assim se expressando: "Era como se cargas de eletricidade (ou o que fosse) me entrassem pelo ouvi-

do numa frequência poderosa e instável que ora me fazia suar frio ora estremecer de expectativa e apreensão. Vivia o drama de quase 60 milhões de brasileiros. Se perdêssemos aquele iogo, haveria suicídios coletivos. O Palácio da Alvorada daria um estalo e cairia em pedacos ..."

"A cidade hoje vai parar e abraçar os seus heróis. Viva o Brasil de Pelé!"

Sagrando-se bicampeão mundial em 1962, no Chile, o sentido de Nacão reafirma-se pelo contexto de massa provocado. Vinicius de Moraes com o soneto "O anio das pernas tortas" e Affonso Romano de Sant'Anna com "Poema para Garrincha", ressaltam Garrincha, metonímica figura de toda a seleção brasileira.

Num só transporte, a multidão contrita

em ato de morte se levanta e grita seu unissono canto de esperança. Garrincha, o anjo, escuta e atende: Gôooool.

Gol do Brasil!

(Vinicius de Moraes)

Garrincha doravante é ave nacional. (Affonso Romano de Sant'Anna)

Ademir de Menezes, artilheiro da Copa de 50,

Na foto de Ronald Theobaldo, Prêmio Esso de Fotografia de 1977, "Roberto Dinamite", do Vasco, vive seu momento de glória ao entrar em campo

Às vésperas da VIII Copa do Mun do, realizada na Inglaterra, Nélson Rodrigues publica a crônica "O drama das 7 Copas" onde sintetiza historica mente a importância que o jogo da seleção de futebol passou a ter no contexto cultural brasileiro. Enfatiza como o brasileiro emerge da condição de "um vira-latas entre os homens, e o Brasil um vira-latas entre as nações", graças às vitórias na Copa do Mundo de 1958.

É da mesma época, 1966, "Futebol - o grande catalisador", crônica de Alceu Amoroso Lima - Tristão de Athayde. Relata o autor os primórdios do futebol no Rio de Janeiro e mostra como o jogo já exacerbava os sentimentos nacionais.

"E a meninada vibrava de patriotismo. O futebol iria ser com o passar dos anos, não apenas um divertimento ou uma higiene, iria ser coisa muito mais importante. Iria ser um denomi nador comum do povo brasileiro. E se converteria na mais genuína cachaça nacional! O maior traço de união do povo brasileiro ... Cimento da nacionalidade. Se o futebol não existisse no Brasil era preciso inventá-lo. E se de um momento para outro sumisse, não sei o que seria de nós. É hoje o grande catalisador da unidade nacional."

Nas zonas de leitura e pela breve síntese aqui apresentada, tanto na direção dos poetas Carlos Drummond de Andrade, Anna Amélia, Gilka Machado, Vinicius de Moraes e Affonso Romano de Sant'Anna, como na ensaística, pela voz dos escritores Gilberto Amado, Mário de Andrade, Jô Soares, Armando Nogueira, Roberto Muylaert, Ferreira Gullar, Nélson Rodrigues e Tristão de Athayde, são recorrentes nos textos os significantes do jogo de futebol da Seleção Brasileira: "individuo, povo, massa, identificação, estádio-Maracanã, herói, emoção, exaltação, grito, gôoooool, unidade, Nação, Brasil."

Tais significantes compõem uma isotopia temática que nos permite afirmar que a literatura brasileira do século XX problematiza a temática do jogo de futebol da Seleção Brasileira, mormente em competições internacionais e Copa do Mundo, como expressão de um fenômeno social que impregna, significativamente, a vida do povo brasileiro. Cria um contexto de massa unindo o Brasil, exacerbando sentimentos de Nação e de felicidade.

A Copa do Mundo é na verdade uma guerra mundial, organizada, transformada simulada, sublimada...Não é a seleção que compete, é o País.

Pelo simulacro da realidade social, imitam a guerra, o desejo de poder; a vitória, a promoção social. Como espetáculo, vivenciam os espectadores momentos de emoções e sentimentos, inclusive da ordem estética, conforme nos diz Pierre Guiraud.

Assim se expressou Mário de Andrade, diante de frustração pela derrota da Seleção Brasileira para a Argentina em 1939: "Eu é que já estava longe, me refugiando na arte. Que coisa lindíssima, que bailado mirífico um jogo de futebol!"

E não foi também o que aconteceu agora, no Maracanã, com o jogo Bra-



Pelé, Tostão e Jairzinho comemoram um gol contra a Itália, na Copa do Mundo de 70, no México

sil x Argentina? Diante do espetáculo os espectadores aplaudiam a Argentina. A arte no futebol moveu a torcida brasileira a vivenciar uma emoção estética, diante da frustrante derrota da Seleção Brasileira.

Na Copa da França, com certeza, experimentamos, novamente, a mesma emoção estética, com a derrota para os anfitriões da última copa do século XX.

O Maracanã tornou-se um espaço mágico, como signo de massa, pois é nele que se dá a grande concentração de brasileiros "lutando, torcendo, vibrando, sofrendo e gritando: Brasil!

É o que nos mostra a literatura brasileira do século XX.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Caillois, Roger. Les jeux et les hommes: le masque et le vertige. Paris, Gallimard, 1958.
- Cannetti, Elias. Massa e poder. São Paulo, Melhoramentos, 1983.
- 3) Cassirer, Ernst. The Philosophy of symbolic forms. 1°. Language; 2°. Mythical thought-USA, Virginia, Book Crafters, INC., (s.d.)
- 4) Coutinho, Edilberto, *Maracanā, adeus:* onze histórias de futebol. Rio de Janeiro, José Olympio, 1982.
- 5) Da Matta, Roberto. O que faz do brasil Brasil? Rio de Janeiro, Rocco, 1986.
- 6) _____. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- Guiraud, Pierre. A semiologia; Lisboa, Editorial Presença, 1973.
- 8) Greimas, A. J. Semiotique et sciences sociales. Paris Editions du Seuil, 1976.
 9) Henshaw, Richard. The Encyclopedia of
- Henshaw, Richard. The Encyclopedia of world soccer. Washington, D. C. New Republic Books, 1979.
- 10) Jung, Carl G. O homem e seus símbo-

- los. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1974.
- 11) Nogueira, Armando; Soares, Jô; Muylaert, Roberto. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar.* São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- 12) Rodrigues, Nélson. A pátria em chuteiras, novas crônicas de futebol. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- 13) ____. À sombra das chuteiras imortais, crônicas de futebol. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- 14) Salvador, Pedro Jorge. *O jogo mágico do Brasil no Maracanã*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado na UFRJ, 1995.
- 15) _____. Poder e racismo, ideologia de Maracanã adeus; onze histórias de futebol, de Edilberto Coutinho, Rio de Janeiro, UFRJ Dissertação de Mestrado, 1988.
- 16) Silva, Anazildo Vasconcelos da. *Lírica modernista e percurso literário brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1978.
- 17) _____. Semiotização literária do discurso. Rio de Janeiro, Elo, 1984.

ge tingepol no cambo

SIMONI LAHUD GUEDES

O Brasil poderia
adquirir o título de
Campeão Mundial de
Futebol por acaso,
como por acaso foi
descoberto e
proclamou a Abolição,
a Independência e a
República (Lyra Filho,
1954, p. 67).

O futebol e a construção da identidade nacional

As interpretações do Brasil e dos brasileiros, produções concorrentes na construção da identidade nacional, são numerosas e utilizam várias temáticas (por ex.: Leite, 1985; Mota, 1977; Ortiz, 1985). Buscam uma síntese totalizadora como contraponto à diversidade empírica, elegendo um objeto de reflexão que encontra na categoria povo brasileiro, por exemplo, a partir do século XIX (Santos, 1987), uma "problemática obrigatória" (Bourdieu, 1982, p. 207) e um terreno privilegiado de exercícios de previsão otimistas ou pessimistas sobre o futuro do país.

A difusão e a divulgação de algumas dessas interpretações, não raro como meras caricaturas dos originais, como a popularíssima "democracia racial" via Gilberto Freyre, ocorrem por diversos canais, sendo utilizadas como aval para a emissão de uma série de juízos sobre os brasileiros que, não importando se são internamente contraditórios, servem

como argumentos inexpugnáveis, em seu dogmatismo, para explicar fatos da vida cotidiana e da vida político-administrativa do país. A imprensa é um dos canais mais importantes neste sentido. Por outro lado, essas mesmas interpretações costumam ser alimentadas por representações e noções construídas em diversos setores da sociedade, num contínuo movimento de troca.

O futebol no Brasil, ao lado de outros fenômenos como o carnaval e as religiões classificadas como afro-brasileiras, tem sido intensamente apropriado no sentido da composição da identidade nacional (Da Matta et al., 1982; Sachs et al., 1988). No caso do futebol, atribui-se-lhe, freqüentemente, o caráter de "esporte nacional", o que propicia tais ilações. Mas, em geral, ele é apenas uma das fontes utilizadas para essas composições globais.

De fato, o futebol, como a maioria dos esportes, é excelente terreno para



Ou, como diria Bourdieu

apropriações ideológicas

(Guedes, 1977).

(1983, p. 139), porque a atividade esportiva é um fim em si mesma, uma atividade "para nada". Tratando -se da atuação da seleção brasileira de futebol, chega a ser impressionante o modo como se passa, sem nenhuma mediação considerável, da avaliação do time para a avaliação do povo. As vitórias da seleção nacional evidenciam a capacidade do povo brasileiro enquanto as derrotas são nada menos que denúncias de sua indigência (Guedes, 1977). Em questão de horas, às vezes de minutos, pode alterar-se radicalmente a tônica dos discursos na imprensa falada, por exemplo, indo da exaltação patriótica à queixa-denúncia,

ou vice-versa. Nesses momentos, pode ser atualizada a crença na "democracia racial" a partir da avaliação de episódios delimitados pelo espaçotempo de um jogo de futebol ou, ainda, exteriorizadas, dos modos mais contundentes, inúmeras possibilidades de divisões internas que a própria construção da "seleção nacional" torna necessariamente encobertas. Logo, como parte do cotidiano e do "extraordinário previsto" (Da Matta, 1979) da sociedade brasileira, a linguagem do futebol, de divulgação ímpar no Brasil, é uma importante via de acesso às avaliações sobre o povo brasileiro.

O objeto de análise tomado aqui é uma parte de mais uma dessas interpretações do Brasil, sem dúvida feita de pecas e pedacos de outras mais amplas ou equivalentes, mas que é peculiar ao menos num sentido: trata-se da única que utiliza como fonte primordial de material o futebol brasileiro. Seu autor é João Lyra Filho.

Nos textos em questão, é o desempenho dos jogadores brasileiros de futebol a matériaprima para a reflexão sobre o povo brasileiro. Aí reside sua originalidade pois realiza - de modo sistemático e com pretensões científicas - o que apenas a imprensa esportiva já tinha feito.

João Lyra Filho (1906-1988) teve grande expressão na vida nacional, em vários campos distintos. Era ministro do Tribunal de Contas da União mas obteve também importantes posições na academia. O material com que se trabalhará aqui é proveniente de dois livros. O primeiro - Taça do mundo, 1954 - é, originalmente, o relatório com destinação interna à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), escrito como chefe da delegação brasileira enviada ao campeonato mundial de futebol de 1954, disputado na Suíça. O segundo - Introdução à sociologia dos desportos - foi publicado em 1973 e tem a intenção de formular uma teoria dos esportes. Destina-se, em princípio, a um outro tipo de público, tendo sido escrito a partir da posição de cientista social.

Apesar das diferentes posições que geraram os textos e as destinações diversas, há absoluta continuidade na tese básica defendida em ambos acerca do povo brasileiro. Não há adesão explícita a qualquer princípio metodológico, embora a abordagem seja freqüentemente perpassada por premissas evolucionistas.

O povo brasileiro visto através do seu futebol

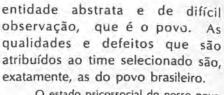
O foco central do livro de 1954 é a avaliação das causas da derrota do selecionado brasileiro na Suíça, cristalizada no jogo contra o selecionado húngaro, que eliminou o Brasil pelo placar de 4x2. Como se opera a passagem da análise de uma derrota num jogo de futebol para uma análise do povo brasileiro?

O primeiro ponto é que o objeto de Lyra Filho não é, absolutamente, o futebol brasileiro, nem sequer a seleção brasileira de futebol. Como "instituição zero" (Guedes, 1977), área, em si, técnica e tática, pretensamente neutra, portanto não comportando significados necessariamente vinculados a seu poder significante, o futebol, no caso brasileiro, tem sido antes um veículo que comporta as mais diferentes significações e fornece provas às mais diversas argumentações.

Nos textos em exame, o desempenho da seleção brasileira de futebol reproduz, diretamente, as características do povo brasileiro. Portanto, é o seu reflexo, resultando do seu desempenho em outros domínios. Operada esta passagem, equacionando o time de futebol em campo com o povo brasileiro operação, aliás, nada incomum - o foco

da análise é deslocado do que ocorreu no campo de futebol para uma avaliação científica da formação e estado presente do povo brasileiro

(Lyra Filho, 1954, p. 52). O jogo de futebol transforma-se numa espécie de "laboratório" onde foi colocado o povo brasileiro. Em decorrência, a análise baseia-se na versão do autor para fatos efetivamente ocorridos antes, durante e após o jogo, tomando-os como exemplos concretos do comportamento dessa



O estado psicossocial do nosso povo ainda enverdece e os atletas saídos do meio do povo não podem improvisar condições e instrumentos de superação, ante aquelas provas desportivas que exigem a mobilização de maiores recursos e reservas orgânicas (Lyra Filho, 1954, p.52).

O futebol é transformado, simultaneamente, num epifenômeno de outros fenômenos sociais e num espaço de observação desses outros fenômenos. Nesses deslocamentos, em que os termos jogador, seleção brasileira e povo brasileiro são totalmente intercambiáveis, a obra inscreve-se como mais uma interpretação do Brasil.

Mas o que é o povo? Apenas no texto de 1973, de intenção mais teórica, encontraremos sua definição.

> (...) o povo é um suporte de cultura ou uma soma de variações étnicas. (...) o denominador comum dos integrantes da sociedade, em qualquer área e em certo momento (Lyra Filho, 1973, p. 44).

Vejamos, em primeiro lugar, o que significa cultura. O termo aqui denota, simultaneamente, um modo de vida coletivo partilhado por um indivíduo como membro da sociedade (Lyra Filho, 1973, p. 63 e p. 103) e o cultivo individual, sintomaticamente expresso na posse de títulos de consagração, perspectiva reiterada em várias passagens. Evidencia-se, portanto, a construção do objeto de análise através da mudança do referente empírico do termo cultura, no interior do texto. Nesses deslizamentos de sentido é que se arma, de fato, a equação necessária à exposição da

Por outro ângulo, produz-se a invenção do povo enquanto denominador comum, abstraindo diferenças, enfatizando e recriando o que se crê semelhante. Mas por que vias encontrar esse denominador comum? Perseguindo o sentido da



soma de variações étnicas vamos encontrar, em conjunção com o termo povo, o termo raça. De fato, a raça é o grande compósito homogeneizado, resultante do cruzamento de várias outras raças - o cadinho - e o denominador comum que erige um povo brasileiro.

O povo será um agrupamento de indivíduos portadores de idênticos caracteres sociais, da mesma raça ou de raças diversas (Lyra Filho, 1973, p. 44).

A raça é um complexo de caracteres determinados, que poderão ser alterados em

conseqüência de cruzamento. Neste caso, como Scheidt registrou, o produto mestiço representará uma nova composição de vários caracteres raciais herdados dos progenitores... (Lyra Filho, 1973, p. 48).

Concebidos desse modo, a mesticagem e o cruzamento fazem surgir um novo espécime racial (Lyra Filho, 1973, p.43), que não reproduz globalmente nenhum dos espécimes anteriores amalgamados. A "questão racial" está dispersa pelas centenas de páginas dos dois livros, insinuando-se aqui e acolá, a cada vez tendo acrescentada uma dimensão nova, como que a reafirmar o seu poder heurístico. Trata-se, de fato, do recurso explicativo mais fundamental que só pode ser compreendido em termos das duas dimensões que engloba - a física e a cultural -, sugerindo-se, inclusive, a atuação de uma forma de determinismo biológico.

> Os males são mais profundos e seguem do estádio da cultura ao estádio do futebol. Eles descem à própria genética (Lyra Filho, 1954, p. 51).

> Reuter advertiu que a raça serve, automaticamente, para classificar os indivíduos e retratar seu progresso, pela limitação da liberdade e pela determinação dos valores culturais a que tem acesso (Lyra Filho, 1954, p. 65).

Em decorrência, o operador racial



é o eixo da construção do povo, enquanto produto inédito da mesticagem, instituindo um objeto uno e homogêneo. Mas, se neste nível é enfatizada de análise homogeneidade, o mesmo operador poderá ser utilizado, em outros momentos, para delimitar as diferentes heranças presentes no novo compósito, como se verá adiante. Agora, interessa acompanhar mais de perto as implicações desta construção. É possível, então, compreender melhor o que o autor define como a causa mais profunda da derrota do selecionado brasileiro frente ao húngaro, destacada de um elenco maior de causas: a tenuidade de nossa formação, o enverdecimento que dá lugar à predominância dos instintos primários.

O maior número de práticas desportivas, inclusive o futebol, exercita marcas simultâneas de espírito, alma e instintos, mas é certo que o predomínio dos instintos ainda gradua a saliência da apresentação do futebol brasileiro (Lyra Filho, 1954, p. 52).

Eis por que o Brasil continua a ser um país que possui povo, mas não tem opinião. O povo não está esclarecido pela cultura da alma e do espírito e ainda vive a explosão primária dos instintos. Ele ainda

não sabe dar atenção aos fundamentos e à projeção da própria vida individual, na pouquidão do conhecimento das regras comuns de educação e higiene (Lyra Filho, 1954, p. 53).

A fatalidade desportiva desta época é o futebol, em cujas tramas explodem taras e peculiaridades revoltas na angústia da alma humana ou na insatisfação de instintos sufocados. Aínda vivemos a época das multidões anárquicas, trabalhadas pela força dissolvente ou desencontrada dos instintos primários. Aínda não atingimos aquela idade viril a que se referiu Tavares Bastos. Nosso futebol expõe a posição física e cultural dos brasileiros (Lyra Filho, 1954 p. 65).

Atente-se para o diagnóstico como transitório: todas as afirmações incluem o advérbio "ainda". Esta construção, decerto, indica uma previsão de mudança, numa determinada direção, sugerindo o acionamento dos princípios básicos do evolucionismo unilinear.

Futebol e capoeira: a herança negra

Se, para compor um objeto analisável, operando uma totalização, foi necessário estabelecer o primado da mestiçagem como produto novo, gerando o povo brasileiro com

características globalmente partilhadas, para explicar o atraso e a imaturidade é necessário recuperar a diferença interna pensada, fundamentalmente, como heranca étnico-racial. Temos, em decorrência, uma espécie de desmontagem do mito das três raças (Da Matta, 1981). Com efeito, há um permanente descartamento de uma participação significativa dos indígenas (Lyra Filho, 1954, p. 62; 1973, p. 46, 72, entre outras referências) na composição do povo. Ao contrário, um privilégio absoluto é atribuído à raça negra e aos mestiços que dela descendem. produzindo colamento perfeito entre as características gerais atribuídas aos brasileiros e aquelas atribuídas aos negros.

(...) A indicada valorização resulta da estima que o povo confere a certos atributos desportivos peculiares aos negros e mestiços, em detrimento de tantos outros que revelam maior contribuição do espírito e, possívelmente, da alma. Eis por que ainda se atribui maior relevo à prática do futebol trabalhado pelo físico, instintivo,

natural, espontâneo ou improvisado (Lyra Filho, 1954, p. 63).

É quando aborda o negro que se permite usar expressões tais como degradação e degenerescência que, embora incompatíveis com a tese clássica da evolução, também presente, não provocam maiores questionamentos. É como se a degradação fosse aplicável negros, tomados isoladamente, enquanto o "progresso" espera o povo brasileiro. Na verdade, como sempre, o grande nó da questão é o mulato. Esta figura, que assombrado 05 mais diversos pensadores no Brasil, é, também aqui, alvo de contraditórias afirmações. Já que considera não mais existirem negros puros no Brasil (Lyra Filho, 1973, p. 46), é do mulato que se está falando, fazendo intervir as variáveis mais caras - como a do meio, por exemplo:

Aqueles que somente conhecem os mestiços degradados nas cidades grandes, onde o meio cosmopolita corrompe facilmente quem não tem instrução, saúde e trabalho certo, não podem fazer idéia da perseverança e da retidão dos mestiços interiorizados nos longes do sertão. Talvez seja possível incluir-se no passivo da conta corrente dos mulatos, isto sim, uma certa propensão para a emotividade que, exagerando-se, será capaz de levá-los à passionalidade e, por via de conseqüência, à criminalidade (Lyra Filho, 1973, p. 47).

Do mesmo modo que o povo brasileiro (mestiço, mulato) assume fundamentalmente as características do negro, o futebol descende da capoeira:

Nenhum atleta ou jogador, saído do seio do povo, tem poder miraculoso para improvisar atributos culturalmente cristalizados. A melhor feição do

futebol brasileiro,

por lhe ser peculiar, parece constituir sucedâneo do jogo de capoeira; envolve-se entre malabarismos de corpo, fintas, gingos, rasteiras e simulações vistosas aquecidas pelo sangue. Não são muitos, dentre os nossos jogadores de futebol, aqueles que sabem ler e escrever corretamente (Lyra Filho, 1973, p. 102).

A proposição que estabelece a ligação direta entre futebol e capoeira estabelece, portanto, a genealogia do povo brasileiro, oriundo das senzalas. A figura estereotipada do malandro é apropriada para compor, no imaginário do autor, o estilo próprio dos escravos que fugiam do trabalho nas fazendas:

Com êxito na fuga, estes deixavam o tempo passar cá fora como moleques de rua. De boné pendido na cabeça, camisa de meia, braços nus, cinto afivelado, lá iam gingando, pelas redondezas, com um assovio que se prolongava na tentativa de sustar os palavrões. Desempenados e astutos, às vezes vendendo arrogância ou comprando briga, talvez caminhassem à procura de uma educação que nunca lhes deram. Fácil será imaginar, ante as características desse tipo de rua, a espécie de povo trazido da vizinhança das senzalas para compor o quadro demográfico do Brasil ... (Lyra Filho, 1973, p. 73).

Pois é, justamente, dessa ralé, desse zé-povinho, dessa gentinha (as expressões estão em Lyra Filho, 1973, p. 74) que provém a parte mais substantiva da herança do povo brasileiro, sob o ponto de vista do autor.

Conclusão: a atualidade da tese

A gente não sabemos escolher presidente

A gente não sabemos tomar conta da

(Versos da música *Inútil*, de Roger Rocha Moreira, 1985).

Decerto esta interpretação do povo brasileiro não é uma criação absolutamente original de Lyra Filho. Aliás, o seu interesse maior reside justamente no fato de não o ser. Tem, entretanto, uma





significativa: seu autor tem tanta legitimidade no campo científico quanto no campo esportivo, colecionando em ambos as mais altas honrarias. Trata-se de um intelectual que é, simultaneamente, um dirigente esportivo. Desse modo, a posição de Lyra Filho e de sua obra é extremamente singular, pois situa-se num espaço de interseção entre dois campos bastante distintos, abrindo-lhe a possibilidade de fazer circular as questões de um pelo outro. Vista sob esse ângulo, a tese do atraso e imaturidade do povo brasileiro, certamente o ponto central da explanação, do qual as outras afirmações são decorrências, que não é nova em nenhum dos dois campos, recebe, como avaliação do futebol, a chancela da ciência, enquanto se oferece a esta novas e incontestáveis provas. É claro que isto não a torna, automaticamente, hegemônica em nenhuma das duas áreas. Mas, como no meio esportivo esta visão é corrente e, como pretendo afirmar, atual, concorrendo com outras interpretações divergentes, a tese de Lyra Filho cumpre a dupla função de sistematizar uma determinada perspectiva já existente entre dirigentes e jornalistas esportivos e torná-la aparentemente consistente, com o apoio de dados classificados como científicos.

Além disso, a tese tem uma outra implicação. Se o povo é imaturo e ignorante, precisa ser educado e orientado. Não é casual que o tema do valor e da necessidade da educação - cujos pressupostos não são jamais discutidos - se insinue permanente-mente nos textos, pontuados por variadas observações a este respeito, como a reiterada referência aos títulos universitários dos húngaros. Também é sugerida, por exemplo, a criação de dispositivos legais para obrigar os atletas a fregüentar cursos de educação para adultos e preconizado o regime de liberdade vigiada nas fases de treinamento (Lyra Filho, 1954, p. 173). Ora, isto coloca em cena um outro personagem, além do povo brasileiro, que não é analisado mas está lá todo o tempo: uma elite dirigente que não é imatura nem analfabeta. Tem, portanto, por missão, uma ação civilizatória interna. Mais pela divulgação da prática que pela emissão de postulados, Lyra Filho enuncia este papel. Sua relação com os jogadores é, segundo ele mesmo, marcada por um estilo paternal e bondoso (Lyra Filho, 1954, p. 27, entre outras referências) que preconiza para os dirigentes esportivos. Todavia, para que isto se realize, é necessário que aqueles que deverão ser educados e orientados aceitem esta prática pois, como afirma Lopes (1987, p. 23), os dominados também constroem a relação de dominação. A crença dogmática, indiscutível, no valor da educação, um valor em si mesmo na sociedade brasileira, independentemente de quaisquer outras variáveis, erige-se como sustentação

simbólica que legitima tais atuações.

O futebol, no modo como ele é apresentado cotidianamente no Brasil pela imprensa esportiva, demonstra, à larga, a permanência da tese da imaturidade e a necessidade de orientação. Não apenas nos jogos episódicos, é no dia-a-dia da relação entre jogadores e dirigentes que um minucioso controle se exerce.

O jogador de futebol, metonímia do povo brasileiro, é visto como um irresponsável, poucas conseguindo estabelecer uma relação de outra ordem, derivada de sua concepção como profissional (Araújo, 1980). Alguns são, inclusive, isolados como rebeldes, quer porque tentem modificar essa relação (por exemplo, o jogador Afonsinho, na década de 70), quer porque persistam em não permitir controle sobre sua vida privada. Mais numerosos são os que aceitam as regras do jogo como o comprova, por exemplo, o caso de um jogador que, em 1989, compunha a equipe do Cruzeiro, de Belo Horizonte, e foi levado para morar na casa do vicepresidente do clube para que este soubesse a hora que sai, que chega, aonde vai e quando está em casa ("Jornal do Brasil", 25 fev., 1989). É neste quadro também que se deve entender a frase de um jogador do Bangu na época, já casado e pai de dois filhos, acerca do presidente do clube:

Ele é o pai que nunca tive. Dei sorte em cair na graça dele. Levo cada bronca, mas sempre que posso dou uma facadinha ("Jornal do Brasil", 11 jun., 1987).

De fato, a gente não sabemos nem escolher presidente de clube de futebol.

Simoni Lahud Guedes é doutora em Antropologia Social, professora-adjunta da Universidade Federal Fluminense, atuando nos cursos de graduação e pós-graduação em Antropologia e Ciência Política.

Os sábios, os sabidos e os que não sabem nada

☐ FRANCISCO DE ASSIS MELO

Tamanha foi a minha decepção quando me dei conta que não sabia ler o suficiente para traduzir o que aquele pequeno papel continha.

Há os que aprendem para serem sabidos, outros para serem sábios e os que aprendem para nada saberem. Quando ainda eu era um adolescente, estudava na Escola Fazenda do tio Severiano Alves, mais conhecido por Tiano, juntamente com cerca de quarenta meninos, tínhamos como professor o competente e severo Alberico Ximenes, o qual mantinha uma disciplina invejável, sob o chamado regime da palmatória. Todos os sábados tínhamos argumentos, a então sabatina, prestando conhecimento de todas as aulas ministradas durante a semana.

Foi naquela escola que aprendi muito, do pouco que sei, em tão pouco tempo. Como é notório, quase todo aluno, por pacato que seja, nunca deixa de experimentar o seu talento de valentia e de vez em quando enfrentar uma briguinha com um de seus companheiros. Então um belo dia cheguei na escola mais cedo do que nos outros dias; lá se encontrava boa parte de companheiros esperando o início das aulas. Foi quando tive a provocação de um dos meus pri-

mos - hoje meu maior amigo não sei se por inveja ou então porque estava a fim de me fazer uma desfeita perante os meus companheiros. já que para isso havia bastante incentivo por parte da platéia. Partimos para o vale tudo, rolamos pelo chão, nos lambuzamos de barro, sem prestar atenção em nossa volta. Quando menos esperávamos, chegou o implacável professor, já de palmatória em punho para a característica cobrança de indisciplina, com meia dúzia de bolos, em cada mão de

Passou-se a aula, fomos con-

vocados ao seu gabinete, se é que se pode chamar aquilo de gabinete, onde cada um de nós dois recebeu uma missiva destinada aos nossos pais. Eu peguei aquele bilhete dobrado em forma de envelope, coloquei dentro do caixote de madeira onde carregava os papéis, tinteiro, caneta, pena, lousa, giz etc.

No trajeto da escola para minha casa tinha de atravessar o rio Acaraú, num lugar denominado "poço das pedras". Ao descer a ribanceira, existia uma pedra grande bem talhada em cima formando um assento perfeito, como se fosse uma cadeira. Aproximei-me da mesma e nela sentei-me e me pus a imaginar sem me dar conta do tempo que passava. Foi nesse êxtase que me veio a idéia de abrir o pequeno invólucro e verificar, ou melhor, tomar conhecimento da sua narrativa. Tamanha foi a minha decepção quando me dei conta que não sabia ler o suficiente para traduzir o que aquele pequeno papel continha. Com o caixão aberto em cima da pedra e sem saber que o que eu estava fazendo era violação de um segredo e, portanto, muito mais feio do que a vergonha do meu castigo, ou ainda por estar cometendo crime, se é que se pode chamar crime aquilo que é cometido sem o conhecimento da lei, comecei a folhear um velho manuscrito que a mim tinha sido dado pelo meu avô paterno. Verifiquei que tinha letras e palavras mais do que suficientes para enfim desvendar o segredo do tal bilhete que tanto constrangimento estava me causando e pus mãos à obra com o manuscrito aberto e o bilhete na mão. Comecei a conhecer as letras e a juntálas até formar as palavras. Quando me dei conta, já tinha lido o bilhete ou melhor a minha sentença, pois o mesmo contava exatamente o nosso (meu) procedimento na escola e pedia ao meu pai para tomar providências a fim de que aquilo nunca mais se repetisse; era o mes-

cada um dos contendores.

mo que dizer: "Pegue o seu filho e dê uma boa surra". Isso era o que seria feito, pois meu pai, homem rígido e severo, não deixaria por menos.

Figuei mais absorvido do que antes, sem saber como proceder, se guardar o bilhete ou entregá-lo ao meu pai. O que seria o mesmo que entregar uma correia, tirar a camisa e ajoelharme para o castigo. Ou não, não faria isso, daria fim à missiva e iria para casa aliviado, alegre, como se nada tivesse acontecido. Pensando assim, tomei a resolução, voltei meus pensamentos para Deus, ajoelhei-me na pedra quente pelo sol, olhei para o céu e implorei o perdão de Deus para que me absolvesse do pecado de abrir e destruir uma correspondência destinada a meu pai. Pus tudo na palma da mão e fiquei a observar aqueles minúsculos papelinhos que até bem pouco teriam sido o instrumento do meu castigo. E agora, o que fazer com isso? Perguntava-me, ao mesmo tempo que chegava a resposta: "Tenho que dar fim, não posso e nem devo correr o risco de deixar isso aqui à mercê de algum gaiato". Tornei a fechar os olhos, concentrei-me em Deus mais uma vez, fiz uma prece e finalmente veio a conclusão. E de repente, mais que decidido, joguei aquele bolinho de pequenos papelinhos no poço cheio de peixinhos famintos e figuei a admirar a disputa do cardume, cada um guerendo ser mais rápido do que o outro.

Ao chegar em casa meu pai não se encontrava, entretanto a minha mãe quis saber onde eu estava, pois já passara a hora que eu deveria de ter chegado, e só agora vinha aparecer. Logo me veio a idéia e lhe respondi:

 Fiquei com alguns colegas caçando ninho de passarinho.

E retrucou ela:

 Está bem, porém não faça mais isso pois, além de não ser justo tirar os ninhos dos bichinhos, deixa a gente bastante preocupada.

E eu respondi:

 Está bem, minha mãe, prometo nunca mais fazer isso.

Passaram-se alguns dias e no final da semana o senhor Alberico, o íntegro professor, como de costume, veio passar o final de semana em nossa casa, ou melhor, passar o domingo (pois até dia de sábado nós tínhamos aula). Depois de servido o almoço e o característico cafezinho, começaram as indagações, as piadas contadas em forma de informações. Logo veio a pergunta direta de meu pai, querendo saber da aplicação e comportamento de seu filho.

 Como está indo o Assis na escola?

Eu, que estava por trás da casa escutando a conversação, fugiu-me a terra dos pés, o cabelo arrepiou e a língua virou bolão dentro da boca. Contudo, lembrei-me de Deus e mais uma vez implorei: "Deus meu, não deixe que meu pai me bata, pois, como tu sabes, é para mim uma grande decepção ter de apanhar de meu pai, pois devo-lhe grande respeito, seria para mim uma grande desonra". Fechei os olhos outra vez e continuei a escuta da conversa. Foi quando então veio a resposta do tão dedicado mestre:

- O Assis... vai muito bem, é muito respeitador, muito aplicado e, acima de tudo, muito inteligente, a não ser...
- A não ser o quê, Seu Alberico? inquiriu meu pai.
 - A não ser aquele incidente!
- Que incidente, Seu Alberico? perguntou meu pai outra vez.
- Aquele referente ao bilhete que lhe mandei.
- Que bilhete? perguntou meu pai...
 não estou compreendendo, nunca recebi bilhete algum.

O professor todo empertigado ajeitou-se na cadeira e desta vez foi ele quem formulou a pergunta:

 Então o senhor não recebeu o bilhete que lhe mandei?

Ao responder, meu pai, reafirmando que nunca recebeu bilhete algum, perguntou:

- E por guem o senhor mandou?
- Pelo Assis, respondeu o professor.
- Assis! Escutei meu pai chamarme, ao qual respondi:
- Senhor, papail? (fazendo de conta que não estava sabendo de nada.)
 - Venha cá!

E lá fui eu, sem saber onde estava pisando, com o moral abatido e o pensamento a me perseguir, dizendo a mim mesmo: "Nunca caí em contradição com alguém e muito menos ainda com o meu pai. Como fui cair agora? Meu Deus!" Contudo, enfrentei de peito erguido, fronte altiva, pois já tinha bastante conhecimento daquela matéria para não me deixar abater diante do erro que havia cometido. Se assim o fiz, devia enfrentar com dignidade e altivez, embora pudesse me trazer maiores consequências, como, por exemplo, uma surra, da qual eu havia me livrado quando rasguei aquele maldito bilhete. Entretanto - Deus escreve certo por linhas tortas - a verdade é como o ar submerso, isto é, sempre vem à tona. Assim sendo e assim pensando, me aproximei de ambos, olhei para eles e disse:

- Pronto, papai...

E ele me perguntou:

 O que você fez com o bilhete que o Seu Alberico mandou para mim?

E a resposta veio como que brotando do mais profundo íntimo do meu coração:

- Rasguei bem miudinho e pus para as piabas do poço das pedras.
 - E por que você não me disse?
- Porque o senhor não me perguntou, estou falando agora.
 - E por que fez isso?
- Por que eu estou aprendendo para ser sabido! Ao receber o bilhete das mãos do Seu Alberico, a curiosidade foi tanta que não pude resistir e abri. Ao ler, vi que se tratava de uma denúncia contra mim e então não podería me entregar sem antes preparar uma defesa.

Meu pai deixou de me olhar e mudou as vistas para o professor, o que eu também fiz. Os dois se entreolharam e começaram a rir; depois me dispensaram, com aviso de que fosse a primeira e única vez. Respondi:

- Sim, senhor.

E me retirei, mas continuei na escuta. Foi então que fiquel sabendo que o pobre do meu primo, todo eufórico, entregou o bilhete ao pai dele, o qual, depois de lê-lo, aplicou-lhe o castigo merecido. Afinal de contas tinha sido ele o provocante.

Francisco de Assis Melo é escritor do DF.

Regina Stella

□ DANILO GOMES

A prosa cronística de Regina Stella é da mais alta qualidade literária e seus recursos técnicos de carpintaria criadora são dignos de admiração. Sem receio de exagerar, eu a alinho entre veteranas mestras do gênero: Dinah Silveira de Queiroz, a esquecida Malluh de Ouro Preto, Rachel de Oueiroz e Elsie Lessa.

Brasília é uma cidade de cronistas - e bons. Comprovam-no os dois volumes competentemente organizados pela excelente poeta e cronista Aglaia Souza sob o título de *Cronistas de Brasília*. Entre esses cronistas - dezenas -, Regina Stella se destaca. Sua prosa cronística é da mais alta qualidade literária, e seus recursos técnicos de carpintaria criadora são dignos de admiração. Sem receio de exagerar, eu a alinho entre as veteranas mestras do gênero: Dinah Silveira de Queiroz, a esquecida Malluh de Ouro Preto, Rachel de Queiroz e Elsie Lessa.

Neste livro, o leitor se deliciará com trabalhos como a evocação do Engenho Canabrava da infância cearense da autora: os odores, a placidez virgiliana do ambiente rural, a rapadura nordestina que hoje concorre, no mercado mundial, com o chocolate sofisticado. Aprenderá uma lição de vida com a pobre Liduína, que trança seus bilros na praia, e é feliz. Condoer-se-á da situação calamitosa dos meninos de rua. Acompanhará a autora nas suas lembranças da infância na luminosa, dourada Fortaleza: a casa avoenga que virou agência de banco... Amará os flamboyants de vivo escarlate.

Algumas crônicas tangenciam o conto, como aquela do caso sucedido em Porto Ferreira (SP). "Retorno do tempo" constitui uma meditação sobre a precariedade da vida. A Terra é apenas "um módulo espacial ao redor do Sol", mas onde a beleza, prodigamente, se distribui no "adorável mundo verde, nos angicos e no bambual onde a passarinhada vem cantar."

A saudade de tia Naninha está em "Descaminhos da vida": ela era miúda, magrinha, de pouco sorrir, de branco e de sapato alto - e uma exímia catedrática em doce de batata-doce ...

Brasília está nessas páginas antológicas. Assim como a feira cearense de Cascavel (em cujo chão peregrinou o padre Vieira). E outros lugares por onde andou o coração da autora. Pois ela viaja. E sabe, com Santo Agostinho, que "o mundo é um livro; quem não viaja, só lê uma página."

Memória e poesia - são esses os eixos vetores desse livro. Regina Stella valoriza e enriquece os estatutos da crônica, gênero tão apreciado no Brasil - de José de Alencar e Machado de Assis a Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos; de João do Rio e Manuel Bandeira a Vinicius de Moraes, Artur da Távola e Rubem Braga.

Gênero coloquial, lírico, humorístico e ameno por natureza, mas também denunciador de mazelas sociais e estuário de mordazes ironias (como em Nelson Rodrigues), a crônica comporta ainda profundidade e reflexão, constituindo o supra-sumo, a quintessência do jornalismo literário.

O respeitado crítico literário paulista Antonio Cândido - um fã da boa crônica - afirma que ela "está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas" e que "em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza e uma singularidade insuspeitadas." É o que faz Regina Stella nas comoventes e encantadoras páginas desse livro, com lirismo, compaixão, erudição histórica e sabedoria, dando testemunho de seu tempo e desvelando sua alma de grande artista da narrativa. A edição é da Gráfica Verano, de Brasília.

Com esse Ciranda do Tempo, Regina Stella Studart Quintas consolida-se como uma das maiores expressões da crônica em nosso país. É só ler o livro, para conferir e se encantar.

Danilo Gomes é ex-presidente da Associação Nacional de Escritores (ANE); co-autor de *Crônicas* mineiras (Editora Ática, São Paulo) e autor de *Em* torno de Rubem Braga (Gráfica Valci, Brasília).

RESENHA Ano I - nº 7

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

de Brasil

Joundineila

Ser ou não ser

Para ser poeta brasiliense, o que é preciso? Ter nascido e feito poemas em Brasília ou ser radicado na Nova Capital e ter produzido suas obras aqui? Os críticos e pesquisadores há muito tempo estão debatendo essas questões. Em 1962, quando o poeta, escritor e antologista Joanyr de Oliveira lançou o primeiro livro editado no Distrito Federal, uma coletânea de poemas intitulada "Poetas de Brasília", a condição de "brasiliense" dos nossos poetas passou a ser questionada.

Agora, 36 anos depois da edição daquela primeira antologia, o mesmo Joanyr de Oliveira debruça-se sobre a obra de centenas de poetas de Brasília, selecionando poemas de 75 deles para uma nova antologia, "Poesia de Brasília", editada pela Sette Letras, com 410 páginas.

Toda antologia é polêmica. Os que ficam de fora discordam dos critérios e chegam até a desdenhar o trabalho de pesquisa dos autores. O próprio Joanyr de Oliveira se desculpa antecipadamente dessas omissões: "Ao lado de uns poucos autores conhecidos e reconhecidos em

Brasília, e até nacionalmente - não incluídos neste livro por algum imperioso motivo -, foram relacionados os nomes de autores, ao longo de anos de pesquisas, que subscreveram versos em coletâneas, periódicos e suplementos, particularmente em publicações que circulam ou circularam nesta capital", e passa a nominar mais de mil poetas. Ainda assim haverá

Chico Nóbrega

sensibilidades feridas.

Editor

Brasília foi um acontecimento de tal maneira relevante na vida brasileira, que deveria suscitar, como suscitou, o interesse e a emoção dos poetas.

O livro reúne em boa hora esses versos e, além do interesse literário, assume caráter histórico.

(Brasilia na poesia brasileira, 1982)

Carlos Drummond de Andrade



O antologista da poesia brasiliense

m 1961, os então tuadíssimos Associados" e o Cla Funcionários de g promoveram o concurso literário da capita fundada. Participaram o pessoas, inclusive deput senadores considerados persol cultural em seus estados premiados pela comissão il composta por Manuel B Sílvio Castro e Waldir Ribeir foram Ezio Pires, Gaude Carvalho e Joanyr de Olive último laureado como "Gran de Brasilia". Tal circunstânc Francisco Scartezzini Filho. (Dom Bosco, rua da Igre) aspirante a editor, a convi organizar uma coletânea, qu primeiro livro brasiliense haviam sido publicados aqui três modestos opúsculos.) primeiro passo em uma longa o que se aproxima do final deste com Poesia de Brasilia. O livi poetas inquestionavelmente mo (pela sua linguagem e temát lado de sonetistas fiéis ao roma e autores veteranos com algun jovens, como Paulo Sousa o nascido nesta capital.

Poesia de Brasilia, com noite de autógrafos, da agosto, na sede da Assa Nacional de Escritores consagra a série de ambrasilienses de Joanyr de como fonte de consulta obratodos (historiadores, pesquaprofessores, estudantes) qua conhecer a literatura candala

O também contista informa: (desde) "196 enfeitado poemas em livro propósito de documentar o de nossos melhores poetas.

A seleção, organização..., as notas e sobretudo a introdução, despretensiosa e ato sensibilidade do poeta e o respeito inteligente do leitor. Joanyr de Oliveira nos de não esquartejada pela análise. Um belo presente de memória clara à cidade. (Brasí

concei-"Diários lube dos Brasilia Frimeiro a recémase 50 u ados e ic alidade il Igadora 3 ndeira, ir do Val.

Ds três le icio de ve ra, este in le Poeta nc a levou o, livreiro e inha) e v dá-lo a que foi o e (Antes ui dois ou s.) Foi o a carreira. este século livro reune modernos natica) ao mantismo guis ainda a. o único

, Incado dl 28 de ssiciação s ANE). n logias lliveira ni atória a it fores. e lueiram

onista tenho com o o rabalho F scinoume a tarefa, e propus-me organizar antologias mais ou menos decenais em que, também, se fosse consignando a presença de quantos se mantivessem fiéis à poesia e à cidade."

Embora seja uma obra que honra o DF e contribua significativamente para a quebra do mito de que aqui não há literatura, Poesia de Brasilia não se propõe ser um hino laudatório e irrealista: " Logo se constatará - adianta o prefácio - que estas páginas não vieram para ser um hino de incondicional apologia à cidade. (O que temos, em alguns casos, são pungentes vozes, de revolta e protesto.) Prevalecem declarações e cantos de amor, e por vezes arrebatados, mas não se perde o senso critico, não se foge à dura realidade, que frequentemente precipita os mais frageis e indefesos rumo ao drama e até mesmo à tragédia. Por que é que se haveriam de ocultar as distorções, as tantas violências à fisionomia e à alma da cidade concebida para ser única. justa, modelar? A ecoar intencionalmente talvez - as Perguntas de um trabalhador que lê. de Bertolt Brecht. Niemeyer, em cujas pranchetas se delineou Brasilia. condena a marginalização do candango, do sofrido operario que um dia, orgulhoso e eufórico, a edificou e. logo em seguida, humilhado e perplexo a perdeu para sempre."

O livro exalta a cidade singular. sua geometria, a leveza dos monumentos e edificios, mas também "chora com os que choram" os excluidos, os discriminados, os esmagados pela crueldade de uma sociedade injusta e egoista."

O prefaciador Jason Tércio. com muita propriedade, contesta os que. levados por distorções, vêem a cidade como ela não é, e ignoram fatos históricos que contribuem para uma

Aqui temos um livro em que os poetas estão presentes, e suficientes para afirmar a verdade da poesia, acima de toda a crítica, de toda a crise. E Brasilia, cidade de exilio ou de amor, já forrou seu ninho de pássaros.

(Poesia de Brasilia, 1962)

Walmir Ayala

visão correta a seu respeito: "Brasília tem sido vista no resto do país somente como sede do Poder Federal. reduto de políticos e burocratas. Mas por entre as amplas avenidas e silenciosas superquadras emerge uma expressiva prática cultural de artistas e poetas militantes, como relata esta antologia, a mais completa sintese da poesia escrita no Distrito Federal. A relação da cidade com o verso sempre foi intima. Não por acaso sua construção ocorreu simultaneamente à eclosão, em São Paulo e Rio de Janeiro, do primeiro movimento poético de vanguarda deste país. também centrado na experiência espacial - o Concretismo. Essa sincronia era parte de um mesmo espírito modernizador. E dois dos principais líderes neoconcretos (a cisão carioca), Oliveira Bastos e Revnaldo Jardim, se radicaram em Brasília, que também inspirou versos em poetas de renome nacional -Affonso Romano de Sant' Anna, João Cabral de Melo Neto, Homero Homem. Moacyr Félix, Vinicius de Moraes, Cassiano Ricardo, etc."

poetas e outros Esses importantes, inclusive os brasilienses Afonso Félix de Sousa, Alphonsus de Guimaraens Filho (estes dois retornaram ao Rio), Domingos Carvalho da Silva (retornou a São Paulo), Anderson Braga Horta. Fernando Mendes Vianna, José Godoy Garcia, José Santiago Naud, Lina Tâmega del Peloso, José Hélder de Souza, Jesus Barros Boquadi, Stela Maris, integram a terceira coletânea de Joanyr de Oliveira - Brasilia na poesia brasileira - editada em 1982 pela Cátedra, do Rio, com apoio do Instituto Nacional do Livro.

Poesia de Brasilia registra também a presença e o trabalho dos poetas que vieram depois dos pioneiros, como os chamados "marginais" ou da "geração mimeógrafo", com base em tese de mestrado defendida na Universidade de Brasilia pelo também poeta, hoje embaixador, José Roberto de Almeida Pinto.

... antologia que Joanyr de Oliveira organizou, com a acuidade e a competência de

Alphonsus de Guimaraens Filho

Brasilia na poesia brasileira, oportuna antologia, de elucidativa significação documental.

Murilo Rubião



gla, retnindo com generosidade a golveu a Brasilia eterna, sabiamente asília na posia brasileira)

José Santiago Naud

Brasília e o concretismo

Brasília tem sido vista no resto do país somente como sede do Poder Federal, reduto de políticos e burocratas. Mas por entre as amplas avenidas e silenciosas superquadras emerge uma expressiva prática cultural de artistas e poetas militantes, como revela esta antologia, a mais completa síntese da poesia contemporânea escrita no Distrito Federal.

A relação da cidade com o verso sempre foi íntima. Não por acaso sua construção ocorreu simultaneamente à eclosão, em São Paulo e Rio de Janeiro, do primeiro movimento poético de vanguarda deste país, também centrado na experiência espacial - o Concretismo. Essa

sincronia era parte de um mesmo espírito modernizador. E dois dos principais líderes neoconcretos (a cisão carioca), Oliveira Bastos e Reynaldo Jardim, se radicaram em Brasília, que também inspirou versos em poetas de renome nacional - Affonso Romano de Sant'Anna, João Cabral de Melo Neto, Homero Homem, Moacyr Félix, Vinicius de Moraes, Cassiano Ricardo, etc.

Ainda sem tradição literária em seus 38 anos de existência, mas com história e potencial para constituir-se num pólo, a cidade já possui, como denotam os poemas desta coletânea, uma lírica original, ser. o ufanismo pseudo-épico dos primerros anos, quando vicejou o poema-exaltação.

Temos aqui um mapeamento das tendências predominantes, com autores de diferentes gerações, variada quilometragem e inúmeras formas de expressar o fenômeno poético. Dos



veteranos consagrados pela crítica aos recém-chegados à estrada ou ainda pouco conhecidos, mas cuja obra, por menor que seja, merece ser conhecida, e julgada, sem paternalismo. Uns egressos da linha de frente da vanguarda, outros da "poesia marginal" (a geração 70), outros assimilando antropofagicamente os signos e emblemas da pósmodernidade.

Qualquer que seja o universo vasculhado por estes poetas - metafísico, amoroso, social, ético, religioso, existencial -, o espaço urbano é um tema recorrente. Impossível ficarem imunes à influência do inusitado meio físico que habitam: uma surpreendente arquitetura geométrica, luminoso céu azul de 180°, vegetação verdíssima durante seis meses e ressecada durante o outono-inverno, largas ruas privilegiando automóveis, a infinita

planície, um amálgama de tipos humanos de todas as regiões, sem falar dos ritos próprios do poder.

Trata-se da cidade mais polêmica do país. Desde quando era maquete atraiu prós e contras; seus habitantes têm por ela sentimentos ambivalentes, e o imaginário coletivo nacional tende a identificá-la com os defeitos éticos da classe política - uma percepção distorcida que havia também quando o Rio de Janeiro era capital federal. E há um outro lado nada moderno. Planejada para ser uma "torre da qual se contemplará o Brasil", um "centro de cultura e civilização" conforme a retórica desenvolvimentista do governo Kubitschek, a cidade-

monumento absorveu graves problemas sociais e urbanos, como as demais metrópoles brasileiras.

A perplexidade gerada por tais con(tra)dições é tema de grande parte destes poemas, uma seleção bastante representativa do que tem sido escrito.

Levantamento de Joanyr de Oliveira comprovou: mais de mil pessoas de Brasília já publicaram poesia. Menos de dez por cento delas estão neste livro. Os critérios de avaliação, embora inevitavelmente subjetivos, foram perspicazes, pois Joanyr é experiente e meticuloso pesquisador da memória poética de Brasília, além de leitor refinado e poeta cuja obra já extrapolou as fronteiras do Distrito Federal. A difícil empreitada resultou num painel de dicções, dentro de elevados padrões estéticos, como rá descobrir o leitor.

Jason Tárcio

Saudade de Miketen

(Sobre A Saliva do Verde, de Antonio Roberval Miketen)

AGLAIA SOUZA

Verisso guiou meus
urbanos pés nas
trilhas da selva.
Jibóias taludas me
envolvem em saudade,
trazendo-me as
sombras das folhas,
dos verdes. Lagoas
soturnas e ilhas
selvagens contornam
o espanto de olhos,
qual visgo.

a vertigem de teu vôo eu vi a vida de Ganvião se esvair. Venusa, Tágide tua, também teve sua vez, nas verdes tardes plenas de ternura. Assim me soube A Saliva do Verde, sal de palavras, que aos saltos li, selva de sons de aves canoras. No verde das árvores prendi as lianas do meu pensamento; perdida nas horas, nos passos do vento, voei no teu rumo: pura ventura.

Verisso guiou meus urbanos pés nas trilhas da selva, mais Padre Torquato, em doce presença. Jibóias taludas me envolvem em saudade, trazendo-me as sombras das folhas, dos verdes. Lagoas soturnas e ilhas selvagens contornam o espanto de olhos, qual visgo.

E brotam do peito as águas da selva, jorram as letras em páginas virgens, ao encontro dos rios, dos versos reflexos em brilhantes folhagens, transparentes safiras.

Voltando do sonho, na selva de aço, comandam o cansaço e a saudade bruta saltando o profundo das grotas e escarpas cobertas de limo, a lama no fundo. E a vista acostuma de novo com a vida, cinzenta, monótona, fumaça e vidro.

Verisso, Venusa, Ganvião se esfumam, cheira o ar a óleo e gasolina, o avião se vai, a prumo, planando, a evitar os gigantes de concreto e bruma. Dói acordar na cidade grande: um dia já foi uma grande cidade. Solidão das gentes passa ligeira e mói mais que o silêncio do fundo da selva de onde emergimos de alma lavada.

Irmão, tu falaste do verde selvagem com a mesma linguagem do Rosa em Sertão, porém alcançaste as nuvens, em vôo de pássaro, a vida nas mãos. E a gente não sabe se é sonho esta vida, vivida a cismar; Calderón nos indica a vida e o sonho: o sonho é criar.

Distância, lonjura de Brasil tão grande, o Sul vê o Norte e nos mostra então. Paulista danado, tu leste a selva nos olhos tão verdes da bela Venusa. E hoje, ave presa, Ganvião nos desfia a Ave-Maria do nosso sertão, levado ao léu, no rumo do Norte, nas asas, nas mãos.

O olhar derradeiro sobrevoa a mata: a floresta dorme e sonha as aves, os brilhos, os cantos, os verdes, as águas, e afoga a dor.

Aglaia Souza, escritora e musicista, tem vários livros publicados.



Detalhe do cotidiano

ou

(Antes do Women's Lib e trecos afins, ou cotidiano sem retoques)

☐ J.M.LEITÃO

Evitando alongar o catecismo e enumerar dessemelhanças entre o gringo branquelo e o moreno autóctone, pondo-nos a ruminar

o cabalmente
conhecido, à
pertinácia
comportamental do
Mister, por incrível,
antepunha-se a
aparente rotina
vivencial de Josualdo!

e havia alguém diametralmente oposto a mister Riu, cuja figura e hábitos formais e regulares convocavam a vizinhança ao diário exercício de incansável e inútil atalaia às suas cadenciadas e elegantes passadas rua acima e rua abaixo, estivesse ele saindo ou chegando ou indo ou vindo não se sabendo de onde, desse jeito esgotando bisbilhotices e infame curiosidade. sem pejo de prolongarem-se as discussões mesmo após o providencial sumico do "nosso inglês" casa adentro e ao resguardo de porta e janela seladas e indevassáveis aos curiosos, esse alguém era Josualdo Costa.

E não se pense que o diametralmente oposto estivesse apenas mal-e-mal ancorado no mero apanhado das feições e porte de Josualdo - com seu certo quê de mansuetude ultrajada -, de escasso garbo no vestir-se, complementado por sua morenice carregada, corpo atarracado, nariz de batata mal encobrindo as gordas e arroxeadas papadas sob os olhos encimados por circunflexas sobrancelhas, compondo uma severa e assustadora carantonha. E também não os colocavam em gritante oposição o fato do branquíssimo *mister* ser inglês - se o

era...!, porém nunca admitiu-se diferente nacionalidade - e desfilar seu *aplomb* de manémagro enfiado em estranhíssimas combinações de peúgas coloridas, panamá e bengalinha, e o Costa, legítimo caboclo brasileiro, sem nenhuma dúvida, nada disso ostentar

Pelo contrário.
Nosso nacional oposto do mister vestia-se à maneira dos comuns mortais do fecho dos quarenta/início dos cinqüenta e, de badulaques (des)necessários, somente apegavase à benfazeja sombra dos cha-

péus. Ressalve-se, chapéus *Ramenzoni*, dos de feltro e tons melancólicos, mas



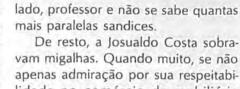


tão-somente *Ramenzoni*, os melhores, do cinza ao azul noturno, quase negro, a depender do tropical envergado, embora o uso do terno e cobertura não amenizassem o conceito geral de considerá-lo meio desleixado, no conjunto.

Enfim, fossem quais fossem os parâmetros visados, comparando-se um ao outro, a cor e o sabor do vinho e da água, ou do acúcar e do sal, facilmente alcançava-nos e nos impedia de seguir adiante na busca de objetos e coisas assaz contrastantes, figue claro, e passemos ao verdadeiro motivo do diametralmente oposto. Portanto, evitando alongar o catecismo e enumerar dessemelhanças entre o gringo branquelo e o moreno autóctone, pondo-nos a ruminar o cabalmente conhecido, à pertinácia comportamental do mister, por incrivel, antepunha-se a aparente rotina vivencial de Josualdo!

Isto mesmo, ao velho Costa - então na faixa dos 55 aos 60 anos ou, quem sabe, muito aguém de tantos, e não duvidem se entre os trinta e quarenta, pois a mim, na adversidade de ir compondo os onze, todo adulto era velho e afigurava-me atravessando o meio século de vida -, jamais o hábito de manter horários rígidos de ir e vir, chegar e sair, abrir a porta e entrar, acender a luz e comprometer a campana dos bisbilhoteiros, o acometeu. E se o acaso levou-o a repetir-se num dos aspectos assinalados, passounos despercebido o deslize. Até porque vizinho algum iria perder seu precioso tempo em tocaiar nosso puríssimo concidadão, quando nas proximidades, a ocupá-los em expor e expandir supostos desajustes e safadezas - Deus! ó rica imaginação a daquela gente! -, circulava e reinava

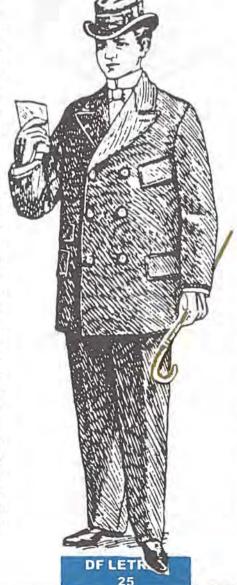
Riu, o mister. E ao suposto súdito de sua majestade, só a ele, destinava-se a chusma de despropósitos. Ora lhes apetecendo nomear Riu solteiro, ora viúvo, casado, amigado, desquitado, ex-grande amante da dama do retrato em sépia, cachaceiro, corno e viado (nada contra a ortografia, contudo, para a específica condição que almejamos definir, parece-nos correto o emprego do i), ora viciado no jogo do bicho, espião, funcionário do consu-



vam migalhas. Quando muito, se não apenas admiração por sua respeitabilidade no comércio de mobiliário *Chippendale* e Manuelino, os preferidos à época, inveja do ilibado esposo e, por conta disso, pai de três lindas e recatadas filhas - sem prejuízo, devese acrescentar, das repetidas e pertinazes punhetas por nós perpetradas em honra, e à revelia, das belas meninas.

Por fim, a aureolar o circunspecto ar de mansuetude ultrajada de Josualdo, surpreendiam-nos suas duas outras atividades desconcertantes: o tardio estudo na Faculdade de Farmácia e Odontologia, onde ia ajuntando e polindo conhecimentos nas artes do botição e ferrinhos do mesmo naipe, e, cáspite!, sua afinada participação como violinista do conjunto sacro da Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Justo onde, após afinar o violino e aconchegar-se à penumbra no alto da nave e à direita do altar principal, em dias e horas que fossem, sem reclamações de qualquer quilate, pode-se afiançar, dispunha-se a atender as demandas da paróquia e paroquianos. A esmerar-se na mor parte das cerimônias religiosas ali realizadas, principalmente casamentos, com competência e atroz paciência, como miles de vezes o vimos e ouvimos na repetição das lamurientas notas da Ave-Maria de Gounoud, no staccato da Marcha Nupcial de Mendelssohn e, enfim, o diabo que quisessem.

Estabelecidos, portanto, os atributos de X e Y, no caso, do *mister* e de Josualdo, e o conceito arraigado nos espectadores circunstantes, há de se



nos acusar de redundante e prolixo, a abusar do verbo, por demais nítidas as divergências e, consequentemente, a validade do "diametralmente oposto" grafado na abertura desta narrativa; lero-lero adicional perfeitamente dispensável, dir-se-á. Conclusão incontestável, se a história se encerrasse aqui, adendo nenhum houvesse a acrescentar, e estacássemos no âmbito das aparências, do solidamente constituído, e o episódio do "pacote de pão" permanecesse nas sombras, inédito, como seria de convir. O que para infelicidade de Josualdo não se deu.

E a bem da verdade, apesar de vir à baila pelo insólito "pacote de pão", é bom que se saiba, este era tão-só um deles, posto que no e sob o braço oposto, esmagados contra o peito e presos no sovaco, embrulhos símiles sobrecarregavam Josualdo e o mantinham no limite do desequilíbrio, no interior de um ônibus.

E para quem trabalhava no centro da cidade, e a três quarteirões de sua formal residência - quase pegada à de meu pai -, esclareçamos, ele fora flagrado ao fim do expediente e enfiado num coletivo aprumado no rumo dos longínquos subúrbios do Jardim América, Parangaba e cafundós periféricos plantados ao sul do referido centro; de pé, espremido e encafuado no aperto dos companheiros de infortúnio. E mais comprometedor: ao verse sob os olhos e atenção do conhecido, fugiu ao cumprimento e buscou socorro no fundo do corredor.

"Ali tem coisa!", foi o pensamento que aflorou à mente de quem o apanhou no delito, de supetão neosherloque e disposto a destrinchar o estranho comportamento de Josualdo. E se ele pensou "Ali tem coisa", acertou; tinha. Não ali, no interior do sobrecarregado transporte, por pressuposto; mais adiante.

E um mais adiante bem maior que um bem ali, légua de beiço e análogas lonjuras, se nos atemos às comezinhas de então; na verdade, um incômodo estirão de quilômetros à frente e maior distância de sua habitual moradia e convivência com dona Alva e legítimos rebentos, onde, por azar do re-



catado violinista do templo do Coração de Jesus, e em ausência de carência premente do xereta, "Eu só queria ver aonde ele ia", como ele disse e todo mundo ouviu e concordou, Josualdo desceu e ele picou atrás do homem.

Pois é, desceu e, cuidando em se manter invisível; no pé-ante-pé e olhos atentos, viu-se transformado em desconcertada testemunha de algo inacreditável e, até diríamos, surrealista! Ao divisar a carreira e ouvir os gritos da alegre recepção da récua de meninos: "papai, papai!" - quatro, cinco, seis?, o número real perdendo-se na insegurança e aleivosia do olheiro e seus ouvintes -, a quem cristão algum seria capaz de imaginar ousado a ponto de passar a mão na bundinha ou bolinar os peitos de uma simples empregada, quanto mais aventurar-se nos prazeres de um pecaminoso coito extra-marital. Enfim, os alegres "papai, papai!" escapando dos frutos do segundo lar e família do nosso pio vizinho.

Isso posto, nosso vigilante, esquecendo seu próprio destino, se o tinha, deu com os pés pra trás, enfiou-se no primeiro ônibus de volta e, pimbal, tornou-nos a todos cientes da escandalosa prevaricação.

Desde logo, acorre-me revelar, sem maior proveito que ganhar fama de falso e difamador, exceto nos dois ou três primeiros dias; no calor dos disseme-disse, no crescer da infâmia às custas do apoio de um ou outro alguém ingenuamente crédulo, que desse tipo de gente ninguém escapa e existe em qualquer lugar - por má sina, minha querida mãe sendo uma delas, e lembro-me de ouvi-la, altissonante, exclamando interrogativa, como quem previne ameaçando: "Viu! José?", e José, meu pai, rebatendo, curto, "É mentira!" -, e, de quebra, nesse breve tempo, o desfastio à pessoa e afazeres de mister Riu.

E em sendo assim, depois de causar não mais que um fugaz e insignificante desinteresse por Riu - conquanto o tempo viesse a confirmar o controverso e duplo modus vivendi de Josualdo -, e em persistindo a rotina dos dois, a pragmática do britânico e a desorientadora do nordestino comerciante universitário e violinista, eisnos a acompanhar o êxito do dito por não dito, o escândalo devidamente encafuado e a volta ao estabelecido por todo o sempre: à tocaia e comentários malévolos dirigidos a quem de direito, ao mister, e retornando-se à usual deferência ao honrado conterrâneo.

Por último, no que concerne ao nosso particular comportamento, e dos demais infantes das redondezas, pareceu-nos prudente deixarmos aos adultos a resolução do fuxico nascido e alardeado por e entre eles. A ponto de, a despeito de nos assombrar a propalada ameaça de mãos cabeludas e um tantão de espinhas no rosto, mantermos inalterada, hélas!, a solitária, habitual e hedonista prática, como dizíamos, "em favor" das belas e desejadas donzelas de Josualdo.

J.M.Leitão é médico e escritor. Seus últimos romances publicados foram *O hóspede do tempo e Memórias de morto* (Ed. Mercado Aberto, Porto Alegre/RS).

ARTIGO

A POÉTICA

da consciência e do combate

☐ RONALDO CAGIANO

as muitas leituras que podemos fazer da obra de Salomão Sousa, poeta goiano radicado em Brasília, duas me parecem significativas: a poesia de consciência e a escritura de combate; sem sombras nem rodeios. São duas linhas muito bem estruturadas no trabalho desse autor de A moenda dos dias, O susto de viver, Falo, Criação de lodo e Caderno de desapontamentos.

Buscándo sacudir as consciências nesse universo de alheamento e passividade em que a poesia moderna se encurralou, a palavra-chave na arte de Salomão é a transgressão. Transgressão que intenta retomar o sentido exato da construção poética, além dos clichês líricos e confessionais. Pois a literatura de Salomão Sousa funciona com toda eficácia como instrumento de resistência, de libelo, mas não sob a ótica panfletária, de engajamento político ortodoxo, senão de explicitação do caos instalado, para realizar, então, o exorcismo dos fantasmas que subvertem a criação moderna, quando a pulverização das mass media e os condicionamentos alienantes de uma cultura impingida goela abaixo pelos cânones neoliberais disseminam uma saraivada de influências perversas.

Salomão Sousa vai fundo com suas incisões poéticas; numa precisão cirúrgica, desmantela certos valores enquistados na máquina do tempo através de uma linguagem muito particular, sem porosidade. Se de um lado economiza discursos laudatórios e defende a síntese objetiva, de outra feita rejeita o bom-mocismo do estilo politicamente correto, porque pretende - e isso é fundamental em seu exercício - modificar, sacudir e, como um Titã, vislumbra nessa rebeldia um novo estágio, em que a palavra deve apenas não ser lida, mas sentida e compreendida em toda sua extensão e significado. É isso mesmo: a poesia de Salomão, ao permitir tantas (re)leituras, incomoda porque refulge através de uma explicação dolorosa das coisas que se passam em torno de nós. Não há possibilidade de sair ileso, indiferente, sem um insight de sua vasta formulação poética.

Outra característica na obra de Salomão Sousa é o vezo de sinceridade, de flecha certeira contra a mediocridade e os medíocres, com que ele tece sua crítica literária, sua ensaística, sua expressão de anuência ou desaprovação a obras e autores. E o faz (seia em encontros literários ou através do

Chuço, voz candente que exprime sua vasta relação com as tribos culturais do país) com um pungente espírito estético, com abordagens profundas, sem concessões ao mau gosto ou liberalidades conformistas. Ofício que é fruto de um espírito de coerência, de respeito à leitura e ao leitor, porque, como todo formador de opinião, sabe da responsabilidade da pena que recomenda ou que rejeita, hoje algo tão ausente nos jornais, sobretudo em Brasília, quando as redações estão infestadas "comunicólogos de carteirinha", no dizer de Cassiano Nunes.

A análise da obra de Salomão Sousa nos permite situá-la não só no contexto brasiliense, mas no nacional. Seu nome vem se firmando sem dificuldades, porque é signatário de uma poesia inovadora, sem as camisas de força estilísticas, arejada, original, portanto moderna. Moderna, sim, porque mantendo empatia com a contemporaneidade, e em meio ao cipoal das (in)tensas relações desse mundo de rápidas transformações, com seus escalonamentos de códigos, totens e valores, consegue dar o pulo e amadurecer cada vez mais. Uma confecção poética que transita nos vários territórios, mas de feições nitidamente críticas, fazendo uma espécie de sintaxe permanente do mundo, a partir de uma visão não dogmática, mas dialética de todas as coisas.

O poeta Salomão Sousa tem plena consciência de que a criação é exercício de liberdade e leva às últimas consegüências essa via do espírito inquieto, tal como se adotasse aquele sentimento já exposto por Mário Benedetti: "Só quando transgrido alguma ordem, a vida se torna respirável." É mais ou menos isso o que precisa ser a leitura e é isso o que percebemos nos livros desse poeta goiano que traz em si o itabirano "sentimento do mundo", e que, apesar de deixar escapar, como Drummond, um certo descontentamento com o que se passa por aí, é capaz de marejar os olhos diante da rosa que nasce no asfalto, porque ela diz mais que as bombas na Bósnia e tem mais eficácia que a maioria dos imbecis que ditam as normas por aí.

A arte consiste nisso: nunca estar contente - já proclamou Jules Renard. Nesse bom caminho está a poética de Salomão, para quem a literatura é um combate altivo, uma obsessão pela interpretação do que é sagrado e profano em nossa condição.

Uma outra característica da obra de Salomão Sousa é o vezo de sinceridade, de flecha certeira contra a mediocridade e os mediocres, com que ele tece sua crítica literária, sua ensaística, sua expressão de anuência ou desaprovação de obras e autores. E o faz com pungente espírito estético e com abordagens

profundas.

Música popular

BRASILEIR

Matéria de memória

☐ RENATO VIVACQUA

Brasília tem sido
insensível e omissa
com artistas que a
escolheram para viver.
Assim foi com Milton
de Oliveira, que tanto
sucesso fez em dupla
com Haroldo Lobo.
Klécius Caldas
mudou-se daqui
entristecido com a
falta de
reconhecimento.

siliense se manifestasse sobre o falecimento do compositor Elpídio Vianna. Nem uma linha. Desde 1960 Elpídio morava na cidade, onde se tornou membro da Ala dos Compositores da ARUC e foi campeão de inúmeros carnavais. Tomei conhecimento da morte pelo anúncio da missa de sétimo dia. Brasília tem sido insensível e omissa com artistas que a escolheram para viver. Assim foi com Milton de Oliveira, que tanto sucesso fez em dupla com Haroldo Lobo. Quem não se lembra de "Não tenho lágrimas" (Quero chorar, não tenho lágrimas/ Que me rolem nas faces/ Pra me consolar), que até Nat King Cole gravou?; "Obsessão", belo samba (Você roubou meu sossego/ Você roubou minha paz/

Fiquei aguardando que a mídia braense se manifestasse sobre
alecimento do compositor
uídio Vianna. Nem uma

Com você eu vivo a sofrer/ Sem você
vou sofrer muito mais), "Pra seu
governo" (Você não é mais
meu amor/ Porque vive a

chorar/ Pra seu governo/
Já tenho outra em seu
lugar). O sucesso eterno de "Índio quer apito". Totalmente esquecido. A lista dos olvidados é grande: Waldyr Azevedo, inspirado autor de "Brasileirinho" e "Pedacinhos do céu". Avena de Castro, um dos maiores citaristas do mundo, respeitadíssimo no exterior. O pianista Lauro Paiva; Gilvan Chaves (Vento

que imbalança/ As paia dos coqueiro/ Vento que increspa as água/ Lá do mar); Bide da Flauta. O grande Klécius Caldas, que tanto nos alegrou com "A lua é dos namorados", "A lua é camarada", "Maria Candelária", "Boiadeiro", prefixo de Luiz Gonzaga



(Vai, boiadeiro que a noite já vem/ Pega o seu gado e vai pra junto de seu bem), "Primeiro clarim" e muitas mais. Mudou-se daqui entristecido com a falta de reconhecimento. Quando morrer, é provável que ninguém se lembre dos anos que viveu entre nós. Reconheço o inegável talento de Renato Russo, mas existe um abismo injusto entre a importância que a comunidade cultural deu à perda dele comparada com a de Elpídio Vianna. Homenagear Elpídio é uma obrigação de todos os que se sensibilizam com nossa cultura popular. Estou entre eles. Poucas vezes o encontrei e não fomos amigos. Façamos um passeio pela sua obra antes que se torne mais um dos relegados ao limbo de nossa história musical. Lembro aos desinformados que foi gravado por Ciro Monteiro, Alcides Gerardi, Roberto Silva, Zuzuca, Sargentelli, Zé e Zilda, Déo, Ataulfo Alves. Ligou-se a parceiros de escol como Geraldo Pereira, notável sambista, autor de, entre outros clássicos, "Falsa baiana", "Escurinho", "Acertei no milhar". Aviso aos modernosos: Geraldo tem sido regravado por grandes astros. João Gilberto e Gal, por exemplo. Em 1946 compuseram o bonito "Humilde teto":

> Volta para o meu humilde teto Que eu preciso viver perto Do teu coração Volta, vem prestar o teu socorro Vem depressa que eu morro Nesta solidão.

Estavam juntos em 1947 com "Abaixo de Deus":

Abaixo de Deus, foi ela Sim! Foi ela quem me ajudou Eu caí na cama, desempregado E nada me faltou.



E o grande sucesso: "Pisei no despacho", na voz de Ciro Monteiro:

Desde o dia em que passei numa esquina.

E pisei num despacho

Entro no samba e meu corpo está duro

Bem que procuro a cadência e não acho

Meu samba e meu verso não fazem sucesso

Há sempre um porém

Vou à gafieira, fico a noite inteira

No fim não dou sorte com ninguém.

Na época da Segunda Guerra foi muito cantada "Abaixa o braço", com Nelson Trigueiro, satirizando Hitler: Abaixa o braço Deixa de teima

> Lugar de palhaçada é no cinema Seu Adolfito Pra que tanta valentia Se nós queremos a democracia.

Com Ataulfo Alves foi co-autor em "Mentira do povo":

É mentira dessa gente
Nem em sonho acreditei
A coitada não fez nada
É mentira do povo, eu bem sei
Eles dizem: moça prosa
E que tem mais um novo querer
Que tem vida duvidosa
Eu não sei nem quero saber
Eu só sei que gosto dela
E quando a gente gosta
Não se pode condenar
Ai, ai, ai, meu Deus, ela pode ter

De ir ao samba, mas sambar não é pecado.

Em "O retrato", com Raul Marques, a situação é outra:

A minha situação não é boa Estou mal com a patroa Mas a culpa é minha só Foi por uma coisa à-toa Um retrato de mulher No bolso do meu paletó.

Muito bonito é "Quantas vezes", com Benedito Moreira:

Vivo com o meu coração Em constante agonia Tenho como companheira A nostalgia.

Andorinhas, garças...

☐ CLEMENTE LUZ

Vamos construir beirais, meus amigos!

As andorinhas estão chegando. Farece incrível, mas elas estão chegando, com suas asas ligeiras e seus peitos brancos.

Quem me deu o aviso foi a alma lusa do Rodrigues. Esses portugueses, práticos e duros na vida, guardam sempre uma reserva de

ternura nos corações e são capazes de suspender a venda de um pão, para acompanhar as evoluções das aves de arribação, retrato vivo das andanças lusitanas, que resultaram em tantas descobertas no

mundo.

Os que combatem Brasília, à falta de argumentos, dizem que a terra é tão madrasta, que nem os pássaros aqui podem viver! Isto é tão gostosamente absurdo como absurdo é dizer que um trator bateu asas e voou...

É claro que, nos canteiros de obras, onde a poeira é permanente e onde as máquinas expelem estilhaços por todos os lados, a vida para os pássaros seria impossível. Mas os cerrados possuem a sua passarada própria, de cores várias, de cantos vários. A poucos metros de qualquer ponto de terra revolvida, os bandos de periquitos, de pássaros-pretos, de canários-da-terra, de sabiás-do-campo cruzam os céus e compõem a melodia de seus cantos uniformes.

E agora estão chegando as andorinhas...

Deve ser o tempo propício à arribação.

Elas devem estar vindo de outros campos, onde o frio não tenha sido muito intenso, nos últimos meses.

Eu imagino o que deve ter acontecido: a andorinha-guia, encarregada de descobrir o melhor pouso para o bando, voava sobre o planalto, talvez em direção a Goiânia, a Anápolis, a Paracatu ou Cristalina, quando viu cá embaixo uma cidade nova, diferente.

Imediatamente, deu o aviso:

 - Uma cidade nova! Deve ter beirais e crianças!

E continuou no vôo de reconhecimento...

Pequenos bandos foram vistos ontem e, naturalmente, serão vistos daqui por diante, até o próximo tempo de arribação.

e outras aves de arribação. aves de arribação

Elas aí estão festejando os prédios novos, enfrentando a poeira, procurando as reentrâncias, para o pouso. E Brasília não há de ser uma cidade tão lisa, que não lhes ofereça reentrâncias para o ninho e para o pouso.

Elas aí estão, alegrando os ares, sentindo a cidade.

E, breve, quando suas asas sentirem o chamado do desconhecido, elas irão, levando aos céus, na sua rota de arribação, a mensagem da cidade nova, que nasceu no planalto secular, onde apenas existiam velhos beirais e velhas cidades.

Amigos, vamos construir beirais para as novas amigas visitantes, que estão chegando, com suas asas ligeiras e seus peitos brancos.

Vamos construir beirais, meus amigos!

As andorinhas estão chegando.

Passado o tempo das andorinhas, chegou o tempo das garças.

Elas aqui estiveram, todos os anos, antes que os aparelhos de precisão começassem o trabalho de delimitar a area do novo Distrito Federal. Vinham de longe, branco das penas. Dessa vez, nem chegaram a fazer pouso. Suas asas tranqüilas cortaram o céu e desapareceram no horizonte.

Mais tarde, em outra

Mais tarde, em outra arribação, novamente, voltaram. E viram, plantado no solo antes verde e agora vermelho, uma coisa leve e bela, como a sua leveza e a sua beleza. Gostaram do palácio, mas não puderam, ainda desta vez, ficar.

ra das máquinas manchou-lhes o

Mas a visão do Palácio, mais pássaro do que prédio, mais flor do que cimento, foi com elas. E a saudade fez ninho em seu coração. Aguardaram o novo tempo de arribação. E, depois de dois tempos, retornaram. E agradeceram, ao Deus dos pássaros viageiros e das aves nômades, o presente magnífico: onde corriam as águas minguadas dos córregos havia um lago. Tão grande e transparente, como os lagos das outras terras, porém mais belo, porque refletia a imagem da beleza que elas, as garças, haviam visto antes.

E hoje, aos bandos, elas aí estão.

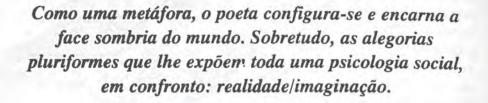
Todas as tardes, suas esquadrilhas brancas contornam o lago, voando sobre a linha amarela do Cota Mil.

ninguém

sabe de onde, trazendo, em seu corpo esbelto e esguio, a mensagem e o cheiro das terras distantes. Talvez de terras estrangeiras. E, à margem dos riachos, sob a fronde das árvores ciliares, cismaram e sonharam com a próxima partida e amaram.

Um dia, no planalto, onde animais silvestres e mansos bois viviam, elas encontraram bichos diferentes, nunca vistos em suas andanças. As máquinas abriam ruas, mudavam o curso dos regatos, derrubavam a floresta, faziam um barulho infernal, perigoso para as suas vidas tenras de poemas volantes. Levantaram vôo antes do tempo, e procuraram outros pontos de pouso. Depois, aqui voltaram, e a poei-





Literatura e transformação social

□ ROBERTO CARVALHO

efletir sobre literatura e transformação social é constatar o paradoxo entre fatos históricos e literários. A literatura, de um modo geral, sempre esteve empenhada na aquisição de uma consciência nacional, no entendimento de valores culturais. Já os fatos históricos, sob a visão oficial, distanciam-se da correspondência com as reflexões literárias e artísticas. cuja ressonância é a transformação sociológica do ser humano e seu universo existencial. Nesse sentido Albert Camus destaca: o universo cultural cria uma psicologia de conhecimentos, através do qual o pensamento evolui com a história da humanidade

Por esse ponto de vista, pode-se compreender a importância da literatura na elaboração de uma consciência social em que, escritores, artistas formadores de opiniões - tenham preponderante papel no desenvolvimento sociocultural do país. O problema é saber onde e como participar desse processo de transformação. Se o pensamento "global" é porta de saída que

restringe o cidadão ao que é veiculado pela mídia ideologizada, o que não estiver no "saite" ou na tela televisiva não está no mundo. Como podemos cobrar melhorias sociais, um ensino de qualidade para todos ou alcançar a tão sonhada cidadania se não tivermos consciência de que somos parte desse processo globalizante? Essas e muitas outras questões precisam de resposta. Cabe a cada um de nós responder.

Sabemos que esse processo alienador tem como objetivo destruir os conceitos de Estado Nação, soterrar a identidade pátria, consolidando o império do capital, a informação persuasiva e alienante. Na prática, anular a consciência social e os valores culturais do povo. Nesse ponto, encaixa-se a ação dos agentes culturais na formação de um pensamento intelectual moderno. O escritor toma para si a função de retratar as circunstâncias sociais, a condição humana - captando as angústias, os contrastes diante do mundo. Nessa busca, a poesia, mais que qualquer outro ramo da literatura, constitui-se numa caixa de ressonância desses circunstanciais. Os poetas, sensíveis às transformações que tocam a humanidade, retratam essa paisagem estética.

Como uma metáfora, o poeta configura-se e encarna a face sombria do mundo. Sobretudo, as alegorias pluriformes que se lhe expõem toda uma psicologia social, em confronto: realidade/imaginação. Assim, Pessoa personifica seus fantasmas na carne de personagens psicoexistenciais para transpor sua fingida dor "...dor que deveras sente" num mundo alegórico de sonhos e possibilidades. É neste plano existencial que se fixa o poder de transformação, através das palavras força motriz de conhecimento e de unidade

pela valorização do homem. A arte como resistência cultural identifica a nacionalidade - hoje, objeto de subjetivas incursões -, humaniza com autenticidade a alma viva da sociedade.

A dimensão maior da resistência aos fatores anti-sociais e culturais está no universo dos significados que emanam da literatura como experiência de vida para as gerações. Aí, sim, a arte contrasta com a ação paradoxal de conceitos, quando os fatores literários e históricos são colocados lado a lado, numa confrontação de valores. Mas, se por um lado a história oficial camufla a verdade sobre os fatos, por outro, a liberdade expressional mostra o front por onde transita o universo circunstante. Não no sentido vetorial, que tivesse direcionado o fazer literário para

um contencioso aquém de suas possibilidades. Aqui, cabe a observação de Llosa: "A sociedade intelectual latino-americana não participa das mudanças sociopolíticas do continente". Enquanto isso, a informação global elimina frontei-

país inteiro. E nós, os artistas, a sociedade, escravos da situação, ficamos assistindo, indiferentes, o monstro da globalização da fome enterrar nossas esperanças de uma vida melhor. Para Olgária Matos, professora da USP, "a mídia autoconcebe-se como deselitizadora da cultura, arquivando a educação humanística". Acrescente-se a essa constatação a criação de um inconsciente coletivo em que os valores culturais, principalmente os já estabelecidos, são sistematicamente castrados pela febre do lucro globalizado.

ras, planta a miséria no

A dúvida é quanto à viabilidade de padrões culturais globais estáveis. E qual o tipo de cultura estaríamos preparados para absorver, além dos preestabelecidos xaropes diários de informações, a serviço de um capital excludente? O que se apresenta em termos de repertório cultural, dito pósmoderno, é reflexo dessa força onipotente da comunicação global. Esse maniqueísmo virtual inviabiliza os projetos culturais genuinamente nacionais. Então, queiramos ou não, nós temos o dever moral de valorizar nossos valores culturais - como resistência para uma transformação social consciente, que tenha como prioridade projetar as manifestações artísticas da população.

Incentivar o hábito da leitura, a discussão política, a literatura e os costumes populares, por conseguinte, idéias alternativas que se identificam com o nosso povo e suas concepções sociais, é um dos caminhos que levam à cidadania. Através da arte/educação é possível modificar a face obtusa dos vários brasis com suas idiossincrasias. As transformações sociais são plausíveis, quando beneficiam a maioria dos cidadãos, hediondas quando fator de exclusão social como as que estão aí: um país de "primeiro mundo" atolado na tuberculose, dengue, malária, desnutrição e milhões de analfabetos e semi-analfabetos. Assim marchamos "José, para onde?" - hipnotizados.

Roberto Carvalho é jornalista e escritor.

Ditados



Provérbios

☐ ROLDÃO SIMAS FILHO

A grande maioria dos ditados reflete a vida rural que prevalecia no mundo até meados deste século. Assim, ficam hoje deslocados na vida urbana moderna e vão perdendo o sentido e a força de suas imagens. Muitos buscam uma rima para serem mais facilmente fixados.

É curioso comparar ditados em diferentes línguas. Cito dois em francês e em português:

Petit a petit l'oiseau fait son nid =
 De grão em grão a galinha enche o papo.

 Retournons à nos moutons = Voltemos à vaca fria.

Este último, em francês, entende-se perfeitamente: não vamos nos distrair; não vamos sair do assunto, senão os carneiros se perdem. Mas, em português, tem sido, para mim, uma verdadeira charada. Que "vaca fria" é essa? Algo oposto ao "cachorro quente"?... Oswaldino Marques sugere algumas possíveis explicações para esse e outros ditados. A vaca fria seria a refeição de carne de vaca que, com a pausa, teria esfriado.

A busca da origem de outro ditado é instigante: "Pode tirar o cavalo da chuva" = não adianta insistir, não perca seu tempo tentando me convencer. Mas, por que "tirar o cavalo da chuva"? Para não molhar a sela? O trabalho de convencimento vai demorar e a chuva vai encharcar a sela. Será isso?

Outro ângulo curioso é a atitude, positiva ou conformista, que pode estar implícita na forma de expressar um provérbio. Em inglês diz-se: Strike the iron while

> it is hot, ou seja, "aproveite; a oportunidade é agora!" Em português o mesmo ditado pare-

> > ce menos otimista, mais conformista, ou até pessimista: "Não adianta malhar em ferro frio". Usa uma forma negativa (Não) em vez de afirmativa. Parece lamentar que o ferro já esfriou e que não adianta mais malhá-lo.

Será a índole de cada um dos povos?

Em Portugal há muitas expressões diferentes das usadas no Brasil. Por exemplo:

"Estar com um grão na asa" = estar um pouco bêbado (tonto, desorientado como uma ave ferida por um tiro de chumbo na asa); "Estar nas tintas" = não ligar, não dar importância; "Dar em águas de bacalhau" = fracassar, dar em nada, dar em águas de barrela.

Outras usamos sem saber o significado: "gatos pingados" são os empregados do cemitério, o coveiro e seus ajudantes.

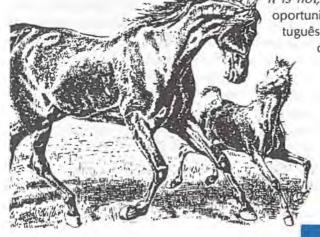
Há ditados usados no Brasil cujo sentido literal não é bem conhecido: "Não confundir alhos com bugalhos". O bugalho tem a forma de uma cabeça de alho mas é o fruto do carvalho, árvore comum em Portugal mas não no Brasil.

Temos expressões bastante estranhas: "Ficar da cor do burro quando foge." Poderia ser: "Corra do burro, quando (ele) foge", pois o burro enraivecido é um perigo. Ou será que o burro, quando foge, muda de cor, como o "galo cambinda"?... Oswaldino Marques lembra que burrus em latim é avermelhado. Quando o avermelhado foge fica esmaecido, desbotado, uma cor indefinida.

Fulano parece com beltrano: "é beltrano, cuspido e escarrado". Cuspido e escarrado". Cuspido e escarrado é algo absurdo e não expressa semelhança. O ditado seria, segundo Oswaldino, "esculpido e encarnado", tal a perfeita semelhança com o original. Outra possibilidade seria: "esculpido em Carrara" (as esculturas com perfeição artística são esculpidas em mármore de qualidade, como o italiano de Carrara).

"Parece que está com bicho-carpinteiro", diz-se de uma pessoa irrequieta. Como não existe o bicho-carpinteiro, o ditado não faz sentido. Mas, se "traduzirmos" para "parece que está com bicho no corpo inteiro", veremos que a sabedoria popular está certa.

"Não confundir alhos com bugalhos". O bugalho tem a forma de uma cabeça de alho mas é o fruto do carvalho, árvore comum em Portugal mas não no Brasil. A grande maioria dos ditados reflete a vida rural.



escritor José Dilermando Meireles faleceu
recentemente e deixou um grande vazio entre nós.
Historiador e pesquisador da história do Planalto
Central, ele deu uma grande contribuição neste
campo. Foi um dos criadores da Academia de Artes e
Letras do Planalto, a qual presidiu, em Luziânia
(GO). Como homenagem a esse grande escritor, a
DF Letras traz um de seus contos publicado no
livro de sua autoria O histórico e o pitoresco
deste Planalto Central...

Um golpe de mestre

□ JOSÉ DILERMANDO MEIRELES

Era à tardezinha. A fazenda já vivia a calma silenciosa do fim do dia, quando a caravana de ciganos aproximou-se e chamou à porta.

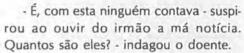
O tropel dos cavalos e o ladrar dos cães encarregaram-se de anunciar a chegada dos inesperados visitantes.

José acudiu à porta e ficou realmente surpreso. Uma caravana de ciganos não constitui novidade lisonjeira para nenhum fazendeiro.

Convidados a apearem dos cavalos e a entrarem, tomaram conta da longa varanda, ocupando literalmente todos os bancos e tamboretes disponíveis.

Apreensivo, principalmente porque na fazenda, nesse dia, encontravam-se unicamente ele e seu irmão, José pediu licença aos hóspedes e penetrou no interior da casa para relatar ao Oliveira pormenores da inesperada visita que acabavam de receber.

la-me esquecendo de mencionar que o Oliveira encontrava-se acamado e febril, com o rosto totalmente deformado por uma profusão de picadas de marimbondos que sofrera durante o dia, quando trabalhava na rocada de um pasto.



- Aproximadamente umas vinte pessoas, entre homens e mulheres.
- Bem pior que uma nuvem de gafanhotos em lavoura nova - desabafou o Oliveira - Mas pode deixar comigo. Vou espantá-los agora mesmo.
 - Como assim? quis saber o irmão.
 - Espere e verá.

Dito isto, levantou-se da cama do modo como se encontrava: cabelos despenteados, rosto todo intumescido e ruborizado, pijama esfarrapado, e dirigiuse ao encontro dos visitantes, que já haviam solicitado pousada ao José.

Boa tarde para todos - saudou Oliveira os ciganos, em tom de voz débil, andar lento e arrastado, com deliberado propósito de tornar pior ainda a sua precária aparência.

O impacto foi estarrecedor, pois que o aspecto do anfitrião era realmente de arrepiar os cabelos. Mais parecia um



José Dilermando Meireles,

de Luziânia, Goiás (1928/ 1998), é autor de vários livros, entre os quais Apologia de Brasília, Deste Planalto Central, A Morte Trágica de Americano do Brasil. Foi Procurador de Justiça, Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e membro de diversas entidades culturais e de classe, como a Academia Goiana de Letras, Cadeira 12, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, a Academia de Letras e Artes de Luziânia, além de outras instituições nacionais.

monstro que um ser humano.

Após ligeira pausa, conseqüente da estonteante impressão causada pelo fazendeiro doente, um dos ciganos não se conteve e deliberou quebrar o si-lêncio, arriscando:

- O senhor não parece bem!
- Ah, meu amigo, este mal é sem remédio. Padeço há vários anos e vou cada vez pior. Nada mais espero do mundo senão a morte. Os recursos da medicina estão esgotados para mim!
- Mas de que sofre, afinal? quis saber o cigano, mais apavorado ainda.
- Dizem os médicos que é morféia; porém, acredito ser mesmo uma tal de macutena, sem remédio!

Essas palavras soaram como bomba no espírito dos indesejáveis visitantes. Um silêncio profundo e soturno voltou de novo a reinar na vasta sala apinhada de gente.

Não demorou muito até que um deles, o líder, talvez, lançando olhares longos pelo descampado crepuscular da noite que se avizinhava, virou-se e disse com brandura, porém com resolução inabalável:

- Acho que podemos andar mais um pouco, não, pessoal?

A aprovação foi uníssona, para quem não ansiava por outra proposta.

- De modo nenhum contestou o dono da casa. A noite se aproxima e não é possível saírem com esta escuridão.
- Não, senhor, já nos descansamos bastante e além disso poderemos apro-

veitar um pouco a frescura da noite e o clarão do luar para adiantarmos mais a nossa viagem com destino à cidade.

Na verdade o tempo ameaçava chuva e era lua nova. De modo que não poderiam contar nem com o frescor da noite nem com a claridade do luar. Assim, foi fácil ao inteligente fazendeiro confirmar a eficácia do golpe que de improviso desfechara.

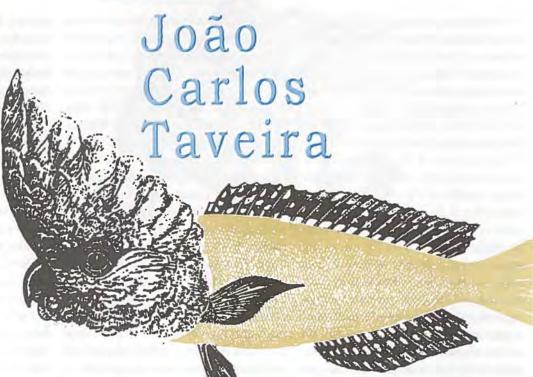
Baldadas as tentativas de persuadir os ciganos a pernoitarem, disparou o Oliveira, com extraordinária precisão e fina malícia, o tiro de misericórdia:

 Mas não vão sair sem antes tomarem pelo menos o cafezinho que meu irmão está preparando para nós!

Foi o quanto bastou para que todos se arrancassem de vez e tomassem, às pressas, o rumo da estrada. Ninguém, curiosamente, entre todos eles, tinha o hábito de tomar café.

E lá se foram pela noite adentro, sem frescor e sem luar, subindo morros e atravessando rios, enquanto os dois irmãos saboreavam, em gargalhadas, o êxito do certeiro contragolpe, bendizendo os marimbondos e esquecendo um pouco o ardor de suas picadas salvadoras.

 Vejo agora que picada de marimbondo dói bem menos que trapaça de ciganos - observou o Oliveira, antes de apagar a lamparina, meter-se novamente sob os fofos cobertores e adormecer, embalado pelo canto melancólico do urutau, reboando no fundo ermo e silencioso da mata. João Carlos Taveira é
um poeta perfeito que
domina a poesia com
mestria, talento e com
técnica absoluta. Seu
"Soneto de
arrependimento"
lembra-nos, sem
servilismo, o Manuel
Bandeira de
"Desencanto" e a
temática de Vinicius
de Moraes.



Um poeta completo

□ HENRIQUES DO CERRO AZUL

Para falar do poeta João Carlos Taveira, esqueço tudo que sobre ele já foi escrito por escritores como Anderson Braga Horta, Heitor Martins e Omar Brasil. Se por acaso alguma coisa chego a repetir, é pelo poder do subconsciente ou por mera coincidência. Se uma coisa é bela, há de se dizer sempre que é bela, e não cabe dizer o contrário. A repetição acerca da verdade e dos sentimentos é necessária, ou então não se escreve mais pelo medo da repetição. Atualmente a literatura, principalmente a poética, consiste na repetição do que já se disse antes, desde os rapsodos da Grécia antiga aos modernos escritores. Apenas o estilo, a originalidade do estilo, a forma de dizer, compor e fazer é a novidade.

Assim os homens, e, por conseguinte, os poetas do antigo Egito, da Mesopotâmia, da Grécia clássica também disseram a suas amadas "eu te amo", "és linda", "tens o perfume da rosa" e expressões parecidas. Os de hoje dizem a mesma coisa, com novos artifí-

cios, de forma diferente. Os do futuro continuarão a dizê-lo, e o código lingüístico usado sempre encontrará ressonância no canal receptor, conforme sua eficácia para aquele a quem se dirige, de acordo com o aspecto dinâmico da sociedade, pois a linguagem é o tipo mais explícito de comportamento comunicativo (Sapir) e se caracteriza pelos simbolismos referenciais, como já notara o grande Vico.

O poeta é o mágico da semiótica. A comunicação interpessoal, que vence o espaço, sai da comunicação intrapessoal e vence o tempo. E o grande poeta é aquele que sabe utilizar devidamente a essência que resulta do signans (signifiant, o perceptível) e do signatum (signifié, o traduzível do signo). Surge a dialética, o movimento, a busca de constantes em relação com as variáveis, que está no valor semântico dos signos verbais, para socorrer-me das expressões de R. Jakobson (Lingüística e comunicação, Salvat, 1979, p. 11).

Ensina-nos Domingos Carvalho da Silva, citando Maiakovski e outros mestres (Uma teoria do poema, Thesaurus, 1986, p. 32 e seguintes), que a poesia é antes de tudo a arte da palavra, pois é com palavras que o poema é feito, ou não é poema. Esse líder da geração de 45 defende a tese de que a poesia é um tipo de linguagem e discorda do "poético" independente da palavra, da mimese verbal de Aristóteles e discorda um pouco de Gramsci. Estamos de acordo com Domingos Carvalho da Silva e na posição de que a poesia está na linguagem, no binômio forma-conteúdo, indissolúvel, no qual surpreendemos a grandeza de João Carlos Taveira, que avulta entre os grandes poetas da contemporaneidade. Não se trata, aqui, de contar quantas metáforas ou quantas figuras tem o poema, mas é necessário que o poeta saiba trabalhar na construção do poema, e mesmo subconscientemente saiba arranjar o material poético.

Na construção de um edifício não basta a solidez dos alicerces, das paredes, das colunas. Não basta que a construção seja sólida. É preciso ser bela. Por isto é necessário o acabamento do prédio. Os azulejos, as pias, o revestimento das paredes, do teto, do piso devem ser de primeira qualidade, e a decoração tem um papel superior. Isto faz a diferença entre o edifício pronto e o edifício em construção. E esse acabamento faz a diferença entre o grande poeta e o poeta mediocre.

Nesse ponto, encontramos a grandeza de Taveira, justificada pelo conceito da teoria da ação comunicativa, encontrada nos esforços de A. Schmidt, R. Tiedemann e J. Habermas. Ora, se essa teoria se aplica à pintura, como negar sua aplicação às demais artes, principalmente a literatura? Com efeito, a racionalidade comunicativa aflora em João Carlos Taveira, que combina o mundo vivido com a moderna concepção

sistêmica, que não é a visão instrumental conferida pelo primeiro modernismo, mas pela modernidade, como nos ensina Lêdo Ivo, quando afirma que "o modernismo nucleado em 1922 à sombra ruidosa da Semana de Arte Moderna morreu em 1945" ("Poesia observada", Orfeu, 1967, p. 148). A razão comunicativa implica mudança radical do paradigma pela interação dialógica do poeta e do leitor, envolvidos na mesma aura (cfr. Bárbara Freitag, A teoria crítica ontem e hoje, Editora Brasiliense, 1986, p. 59), porque nele se surpreende o procedimento argumentativo pelo qual autor e leitor chegam ao acordo, ao consenso sobre o tema questionado, na integração da intersubjetividade que promana do texto com as relações sociais (normas) vigentes, integrando os três mundos: o objetivo (as coisas), o social (as normas) e o subjetivo (os afetos e sentimentos), dentro do ângulo da norma sistêmica - o meio poder social e político - que coincide com a do leitor, e a do mundo vivido (situações concretas de vida, vivências e experiências comuns do autor e do leitor). Assim, encontramos em Taveira a integração social, que é a objetividade de seu mergulho poético no meio em que vive, com as normas e leis estéticas agora vigentes. E assim se completa o consenso, a negociação e a reciprocidade, pelo melhor argumento na forma certa, entre o poeta Taveira e o mundo receptor que o rodeia, na melhor forma dialógica.

Retomando a metáfora do edifício, como os futuros moradores só devem habitar o prédio depois de ele ter recebido o acabamento devido, os leitores do poema só devem "habitar" nesse poema se ele apresentar seu devido acabamento. A metáfora se torna imperfeita, porque, se os habitantes de um prédio podem por sua vez terminá-lo, embelezá-lo da forma que convier a cada gosto, o leitor de um poema não tem esse poder por-

que não pode mexer no poema alheio sem desfigurá-lo. Por isto, pelo acabamento perfeito dos poemas de João Carlos Taveira, na integração sistêmica, há um perfeito recebimento do poema de Taveira pelo leitor. Quando um poeta

não consegue fazer esse acabamento, estamos diante de um mau poema, estudado por I. A. Richards, em sua teoria da má poesia (*Princípios de crítica literária*, Ed. Globo, Porto Alegre, trad. de Rosaura Eichenberg e outros, 1967, p. 168 e seguintes).

Vemos em João Carlos Taveira as características plurissegmentais, com todas as camadas harmonicamente distribuídas, dando-se o devido relevo à camada sonora. A par do ritmo psicológico, alguma vez, como vemos no "Soneto de arrependimento", o poeta usa o ritmo mecânico, as rimas

internas mediais, as rimas finais e o verso eneassilábico. Assim, vemos que o poeta Taveira não é um daqueles que se aproveitaram das facilidades trazidas pelo modernismo para ingressar no campo da poesia. Assim como na pintura e na música, o pintor e o músico hão de conhecer a técnica, para jogar com a perspectiva ou escrever as notas musicais e fazer a opcão do figurativo e do abstrato, também o poeta, desde os primeiros modernistas, pode fazer sua opção de ritmo no verso livre ou metrificado. Hoje em dia é muito comum ver-se pessoas que usam do verso livre sem fazer poesia, pois simplesmente escrevem prosa em forma de verso.

loão Carlos Taveira é um poeta perfeito, que domina a poesia com mestria, talento e com técnica absoluta. Seu "Soneto de arrependimento" lembra-nos, sem servilismo, o Manuel Bandeira de "Desencanto" e a temática de Vinicius de Moraes. Vejamo-lo: Perdão, amada, pelo meu canto, / pelo que canto, pelo que faço, / pelo que sinto no desencanto, / pela metade que sou no espaço.// Perdão, amada, pelo embaraço,/ pelo cansaço, pelo meu pranto,/ pela saudade do teu abraço,/ pelo que vivo sonhando tanto;// Pela tristeza na desventura,/ pela amargura do amor desfeito,/ pelo que vive, pelo que dura,// pelo que mata dentro do peito./ Perdão, ainda, pela ternura,/ pelo perdão que do amor foi feito. (A flauta em construção, Thesaurus, 1993, p. 34.)

Mostrando, assim, que João Carlos Taveira domina a técnica tradicional, trazemos agora à colação um exemplo da técnica do versolibrismo de João Carlos Taveira, com seu "Poema de aniversário nº 6": O tempo / com suas gôndolas / abertas lucarnas ao vento,/ esculpe a pele, a carne,/ o cerne do ser / que em mim / se faz e pássaro.// Diante do futuro,/ estou completo:/ meio peixe / meio pássaro / neste pouco corpo / em que velejo.// Porém sou homem e voz / dentro da concha: / Libertam-me o peixe



/ que inventei na pedra / e os mares desesperados / que sulquei na terra / com minhas penas / e escamas de esmeralda. (Aceitação do branco, Thesaurus, 1991, p. 28.)

Postos estes dois poemas, o primeiro de forma fixa e metrificado (um soneto, embora de modo original, eis que não construído em versos decassílabos, mas eneassilábicos), e o segundo obedecendo mais ao ritmo interior ou psicológico emprestado pelo autor, e providenciando, pelas pausas que automaticamente pretende que o leitor observe, ao quebrar os versos no enjambement ou cavalgamento, passemos ao seu estudo estrutural, concentrado no intrínseco - o poema em si mesmo.

No estudo da forma, quanto ao primeiro poema retrocitado e transcrito, observa-se a regularidade do metro (versos isométricos, com nove sílabas métricas), a regularidade do ritmo mecânico (versos isorrítmicos, com pausas e ictos nas 4ª e 9ª sílabas métricas); é um soneto de forma excêntrica quanto à métrica. É naturalmente polirrítmico como o soneto usual (com esquemas de rimas finais entrecruzadas: abab abab cdc ede, e as rimas internas leoninas), com o tipo de estrofes usuais de soneto (combinando dois quartetos e dois tercetos).

Ensina I. A. Richards que "o ritmo e sua forma especializada, o metro, dependem da repetição e da expectativa. Todos os efeitos rítmicos e métri-

cos brotam da antecipação, tanto quando aquilo que esperamos acontece como quando falha. Via de regra esta antecipação é inconsciente. As següências das sílabas, quer como sons, como quer imagens de movimentos do discurso.

deixam o espírito preparado para determinadas seqüências subseqüentes mais do que para outras. Nossa organização momentânea é adaptada a uma certa cadeia de possíveis estímulos mais do que a outra" (Princípios de crítica literária, Ed. Globo, Porto Alegre, trad. de Rosaura Eichenberg e outros, p. 111).

Quando o poeta usa o ritmo mecânico, prepara o ouvido do leitor para uma següência determinada que surge por antecipação, tal como ocorre na música. E a falha que ocorrer na següência descarrila o som e é um defeito grave que se deve evitar na métrica, originando o verso de "pé quebrado". Esse defeito não ocorre em Taveira, perfeito senhor da métrica e portanto dono de seu ofício. O mesmo Richards acentua: "Na leitura métrica, a estreiteza e a limitação de expectativa - por inconsciente que seja na maioria dos casos - é grandemente aumentada, alcançando, em alguns casos, uma precisão quase exata, se a rima é também usada. Além disto, o que é antecipado se torna virtualmente estabelecido no metro através da regularidade dos intervalos de tempo. (...) Com cada batida do metro, um fluxo de antecipação se agita em nós, estabelecendo, ao fazê-lo, reverberações simpáticas extraordinariamente amplas." (O. c., p. 115.) Daí a razão da rima em Taveira ser essencial ao verso, despertando neste aquela auréola de simpatia que envolve a grandespertando neste aquela auréola de simpatia que envolve a grande obra poética e exige do leitor a continuação da leitura, pela verberação simpática.

Para se entender o poder da expressão, é preciso saber que, se na prosa a influência das palavras anteriores quase não se estende, no verso, pelo contrário, essa influência se estende pela estrofe e a rima coopera para produzir a unidade (Richards, o. c., p. 116). Richards conclui: "Através da simples aparência de artificialidade, o metro produz no mais alto grau o efeito de moldura, isolando a experiência poética dos acidentes e irrelevâncias da existência cotidiana." (Ritmo e metro, o. c., p. 120.) Como dissemos a respeito do edifício acabado, a moldura, quanto mais bela, mais realça o valor do que ela contém e é isso o que ocorre com João Carlos Taveira no citado soneto.

A camada sonora expressa no ritmo, ou no metro, na rima, na escolha das palavras e na sua posição no texto, é a parte essencial do poema, como arte da palavra, e disso sabe utilizar-se o poeta de quem falamos, com seu ritmo próprio. No soneto todo, reparem como Taveira dá vigor à construção pelo assíndeto, sem o uso do conectivo, que não aparece para ligar os membros do período. Surgem anáforas sucessivas: pelo meu canto, pelo que canto (veja-se a antanáclase de canto), pelo que faço, etc.

A expressão perdão, amada (1º verso) se repete no 2º quarteto e a palavra perdão se repete, em mesarquia, nos versos 13º e 14º do soneto. As imagens são freqüentes (a metade que sou), tudo isto contribuindo para a melopéia (carga musical), que se intensifica nas assonâncias (rimas coroadas, 1º, 5º e 6º, 9º e 10º versos). Na presença do inopinado, da suspensão do enredo, a chave envolve todo o poema, justificando e



acabando a angústia, num verdadeiro epifonema: perdão feito do amor
(a logopéia). A carga sensorial (a
sinestesia, fanopéia) se faz presente:
pelo que canto, faço, sinto, sou, embaraço, cansaço, pranto, saudade,
abraço, tristeza, desventura, etc. Aí
está um hino sensorial. O poema se
situa no presente, tempo em que se
conjugam todos os verbos (unidade
temporal).

Passando ao segundo poema, feito com a técnica do versolibrismo, observamos o desenvolver-se do ritmo psicológico, ao contrário do anterior, que era mecânico.

É oriundo do próprio pensar do poeta. A melopéia é ditada pela seqüência da disposição dos versos e das palavras, num ritmo forte, onde se observa e se sente o vigor das sílabas tônicas em oposição às átonas.

A metáfora acompanha toda a logopéia abstrata, com a idéia de concha que navega no mar, e repete a voz, peixe ou pássaro. Repetição separada de idéias, num epânodo, carrega imagística metonímica. É o tempo que navega com suas gôndolas, cujas lucarnas estão abertas. Esse tempo escultor molda o ser, a pele e a carne. As imagens de oceano, peixe e pássaro, estão presentes, quer no corpo em que veleja, quer na concha em que é homem e voz. Quer no peixe (escamas) aprisionado na pedra, concha ou fóssil, quer no pássaro (penas). As idéias são postas em contráste (mares e terra), numa evocação simbolista e abstrata, que sugere mas não diz. A alegoria liberta de amarras, dá vida à fanopéia. No campo musical, na harmonia, as assonâncias apontam nas rimas finais toantes tempo (1º verso) e vento (3º verso), na rima coroada toante pouco corpo (5º verso, 2ª estrofe), mares desesperados (5º verso, 3ª estrofe) e nas aliterações: esculpe a pele, a carne, o ceme, o ser, diante do futuro es tou comple to, escamas de esmeralda, nas anáforas: meio peixe, / meio pássaro...

Estas são algumas das muitas observações que fiz da obra de João Carlos Taveira, mas que, em virtude da exigüidade de espaço, não podem ser explanadas aqui.

Manga com leite

Mistura melhor
não poderia existir.
Manga com leite é
um livro de crônicas
espirituoso e
espiritual. São 28
fatos reais, filosoficamente ampliados pela visão
criativa e sensível
do redator
publicitário e
poeta Marcelo

Ferrari. Vale a pena experimentar a mistura - quem já leu garante: é de lamber os beiços. Informações: (011) 822-7035.



De autoria do escritor
Augusto Estellita Lins, o livro
Diálogo com os signos da
arte: ensaios de arte e
semiologia é indicado para
pesquisas, consultas
especializadas e mereceria
constar em todas as bibliotecas de colégios e universidades de qualquer país, segundo o professor de Comunicação Social e membro do
Conselho Editorial da DF
Letras, escritor Afonso
Ligório.

Diário de Petrópolis

A Editoria da **DF Letras** recebeu do colunista e jornalista Fernando Py recorte de sua coluna literária no **Diário de Petrópolis**, acusando o recebimento da nossa revista. Registramos, ainda, a resenha sobre o livro *Pássaros embriagados*, da escritora brasiliense Zita de Andrade Lima, editado pela Thesaurus. Segundo Fernando Py, a autora põe em suas crônicas "uma nota de simpatia para com seus personagens e paisagens, simpatia que se transfunde em humanidade", frisa.



O Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF e responsável pela revista DF Letras, deputado Luiz Estevão, compareceu no dia 14 de julho passado à sede da Associação Nacional de Escritores (ANE), em Brasília, para conversar com os associados e artistas da cidade. Ao lado da presidente da ANE, escritora Branca Bakaj, Luiz Estevão (foto) enfatizou a nova linha editorial da DF Letras, de dar vez e voz aos autores brasilienses.

Boletim da ANE

Agradecemos à presidente da Associação Nacional de Escritores, Branca Bakaj, o envio do número 40 do **Boletim da ANE**. Além de ótimos textos de Affonso Heliodoro, Afonso Ligório, Ronaldo Cagiano e Manoel Paulo Nunes, a presidente da ANE, em boa hora, traduz, em texto de sua autoria, um desagravo à memória do escritor Almeida Fischer, fundador da entidade. O poeta Newton Rossi também publica um poema em defesa de Fischer.

Gaveta de Sementes

Para quem aprecia haicais, o poeta Cláudio Feldman acaba de relançar o minilivro *Gaveta de sementes*, editado pela Taturana, comemorando os seus 40 anos de atividades literárias. A capa é de Moacir Torres.



Catálogo

Com o apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento, a Secretaria de Cultura e Esportes e a Fundação

Cultural do Distrito

público brasiliense o

Federal apresentaram ao

catálogo "Panorama das

Artes Visuais no Distrito

Federal". O lançamento

foi no mezanino da Sala

Nacional. Parabéns pela

Villa-Lobos do Teatro

iniciativa!



Câmara Legislativa do Distrito Federal

Presidente: Lucia Carvalho Vice-Presidente: Luiz Estevão 1º Secretário: José Edmar 2º Secretário: Benício Tavares 3º Secretário: João de Deus

Conselho Editorial João Carlos Taveira, Chico Nóbrega, Flávio Kothe, Afonso Ligório P. de Carvalho, Margarida Patriota, João H.Serra Azul, J. Simões, Mauro Gunha Campos de Moraes e Castro, Palmerinda V. Donato, José Geraldo, Fagundes de Oliveira, Francisco G. de C. Dourado (Amargedon) Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Randal Jungueira Editor DF Letras: Chico Nóbrega Programação Visual: Marcos Lisboa Editoração Eletrônica: Apolo Guandalini Capa: Equipe da DF Letras Fotografia: Fábio Rivas, Silvio Abdon, Carlos Gandra e Rinaldo Morelli Revisão: Anamaria Silva Pinheiro, Glória Iracema D. F. Alencar e Vania Maria Rego Codeco Ilustração: Ana Caçador Digitação: Gilberto Lucas, Chrissoula Pappas e Sérgio Cáceres Chefe da Seção de Editoração:

Antônio Eufrauzino, Cláudio de Deus, Cláudio Gardin, Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo Perrone, Márcia Machado, Marizete Amaro, Nelci Stein, Oscar Monterrojas e Teobaldo André

Ivan Carvalho

Equipe:

Chefe da Seção Gráfica: Eucyr Muniz da Silva Equipe:

Abimael Amorim, Adeilton Godoy, Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso Santana, Cláudio Quilici, Denilson Caldas, Edson de Lima, Francisco C. Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P. Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas Martins, José C. de Sousa, José de Jesus, José Bergamaschi, José de Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Otiniel S. Fonseca, Raimundo Nonato T. Carvalho, Reinaldo Andrade, Sebastião Peres, Silvio R. Fonseca e Vicente Lima

Tiragem: 5 mil exemplares Esta edição compreende os números 54/56, meses de agosto, setembro e outubro/1998.

Os autores das matérias publicadas não recebem qualquer valor pecuniário e é de sua inteira responsabilidade o conteúdo das mesmas.

Redação: CEPG Fones: (061) 348-8412 e 348-8959 Fax: (061) 348-8413 Câmara Legislativa do Distrito Federal SAIN - Parque Rural CEP 70086-900 - Brasilia-DF Fone:(061) 348-8000

Excepcional

Tive oportunidade de ler a DF Letras nº 39/43, com belíssimo ipê na capa, que apreciei muitíssimo.

Muito boa a entrevista de Cassiano Nunes. Excepcional o levantamento feito por Anderson Braga Horta sobre o movimento cultural de Brasília, que vimos acompanhando aqui de São Paulo, em especial o próprio trabalho desse grande poeta.

Interessante também a diagramação desse artigo, a qual lembra a figura do inesquecível poeta paulista Guilherme de Almeida (meu padrinho literário), autor da "Prece Natalícia a Brasília".

Gostei também de ler os interessantes contos e as demais matérias publicadas.

Cordialmente,

Maria T. Cavalheiro - SP

Interesse

Sou estudante de Letras da Universidade Federal de Pernambuco e estou muito interessado na DF Letras, apesar de tê-la encontrado recentemente

Gostei muito do trabalho realizado por vocês e escrevo, principalmente, para parabenizá-los.

Entretanto, ensejando esta carta, gostaria de saber se há alguma forma de entrega sistemática dos exemplares da revista para os interessados de fora do Distrito Federal. Caso haja, peco que me informem para que eu possa adquiri-los.

Obrigado pela atenção, Fernando Medeiros - PE

Homenagem

Acuso recebimento da revista cultural DF Letras, que veio como sempre recheada de arte e uma propícia homenagem ao poeta da fidelidade Vinicius de Moraes.

Quero agradecer e colocar meu nome ao dispor de vocês para qualquer eventualidade.

Cordialmente, Carlos Galeno - Pl

Simplicidade

Venho mui respeitosamente parabenizá-los pelo excelente trabalho literário, digno de academias e de destaque pela simplicidade, ótimo caráter redatório e ênfase major para uma leitura prazerosa e fascinante.

Sou estudante de nível superior que, além do trabalho com livros e vendas, possuo muita amizade no meio literário, sendo inclusive representante de vários autores e expoentes máximos da literatura. Este serviço é totalmente gratuito, com objetivo único de interligar as pessoas desconhecidas ou famosas com os seus respectivos alvos. Caso deseje uma maior divulgação da Revista, envie-me alguns exemplares.

Em setembro lancarei um livro sobre a minha cidade: Pau dos Ferros; seu contexto atual, histórico e político, misturando novas e interessantes informações.

> Atenciosamente, Francisco Edivan Silva - RN

Palpitante

Agradeço a revista que traz destaque, merecido por sinal, ao saudoso Vinicius de Moraes e outros assuntos palpitantes. Nesse "ramalhete" literário que é a DF Letras, há vida e vida em movimento, coisa que só os poetas e pessoas sensíveis sabem/conseguem captar.

Parabéns pelo trabalho esmerado. É sempre cheio de charme o Editorial do Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF, Luiz Estevão.

Saudações poéticas. Mercedez Vasconcellos - SP

Excelente

Acuso o recebimento da magnífica revista DF Letras nº 47/50, que nos brinda com matérias de alto nível.

O artigo sobre Vinicius está simplesmente excelente. Parabéns!! Abraços!!

Osael de Carvalho - RJ

Jóia

Acuso o recebimento da revista DF Letras nº 44/46 e mais uma vez parabenizo V. Sa. e equipe pela brilhante jóia literária que é esta revista. Segue para sua apreciação, o livro Conexão Rio-Vitória de minha editoria e, tão logo lance o próximo título, não esquecerei de brindá-lo com um exemplar.

No aguardo de sua nobre atenção, fico ao seu inteiro

Fraternal abraço ao amigo, família e equipe e votos de elevada estima e considera-

Sidney Gomes da Silva - ES

Intercâmbio

Recebi o endereço do poetamigo Sidney, da Cooperarte, e adorei, pois gosto muito deste intercâmbio de cultura e amizade. Adoro fazer novos amigos. Sou apaixonada por literatura em todos os estilos. A poesia é minha vida.

Com fraternal abraço,

Jurema Chaves - RI

Erramos

Esta Editoria errou na indicação da autoria do artigo "O velho pintor", publicado no nº 51/53, meses de abril, maio e junho de 1998. Na verdade, o texto é do escritor Affonso Heliodoro, pioneiro e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF, e é dedicado a sua bisneta Agatha Beatriz, que ainda está aprendendo as primeiras letras. Pedimos sinceras desculpas ao autor e aos nossos leitores.

Os cavalos da noite

H. Dobal

Os cavalos da noite galopando de crinas soltas contra a luz da lua eram fantasmas breves dominando os sonhos de um menino solitário.

Um menino sem forças contra a noite sonhava os seus cavalos assustados e se inventava cavaleiro andante dono dos seus caminhos pela vida.

Campeava as distâncias descuidado e armado pelo sono ia amansando no coração da treva os seus temores.

E revivia a noite no mistério dos árdegos cavalos renovando o seu campo de sonho solitário.

(A provincia deserta/1974) tarde!...

O velho na vitrina

Paulo Nunes Batista

Olhei quando eu passava na vitrina e vi um velho ali de olhar cansado. A face em mágoa, o corpo recurvado,

o jeito de amassada serpentina.

Onde a chama sensual, luciferina, que todo o revestia no passado? aquele *élan* de cavaleiro ousado? ar de quem sabe e luz de quem domina?

Quem era aquele que me olhava, e eu via

sem sequer uma tinta de poesia, lá na vitrina, trêmulo e covarde?...

Na chuva fina que esta tarde molha, calado, o velho diz quando me olha: Agora é tarde... agora é muito tarde!...

Soneto da Eternidade

Francisco Carvalho

De onde estás escutas o latido da loba sonolenta. A espera aflita do corpo se desfaz como um vestido de cinza. Mas a eternidade fica

entranhada na membrana dos teus olhos. Fica uivando a loba feroz sob as pregas da túnica de Deus costurada pela noite veloz.

De onde estás a cadela te governa com seu hálito de fogo e de húmus. Os dias passam pela roda eterna dos astros pendurados nos seus rumos.

De onde estás podes ver as mãos esguias

da ceifeira de espantos e agonias.

(As visões do corpo/1984)

Viagem na Escuridade

Henriques do Cerro Azul

Hora obscura da Vida, Noite tétrica, vácuo, lacuna, falha, ilusão de ótica, hora em ninguém sou, hora caótica que traz à terra a escuridão simétrica...

Burla, mentira, simulacro, fábula, fantasia diluta, sombra exânime da sombra, jogo de ilusão e fábula onde se assenta o crime pusilânime...

Momento inconciliável, antagônico com o ser e a vida, e fora do propósito, porque, não sendo nada, é um nada agônico que serve ao próprio nada de depósito.

Do não-ser a razão, do ser a antítese lúgubre, escura, túrbida, anabrótica... Das trevas a caligem por epítese que empana os olhos com a visão ciótica.

De qualquer existência o duro antígeno, do nevoeiro e das névoas o sonâmbulo, o tredo, o umbroso, o lúrido, o noctígeno caliginoso e tumular preâmbulo.

Véu que despenca como horrível êmulo do averno, e abafa como seda umbrífera, que mostra em cada dobra, undoso e trêmulo, um veneno crucial de ação mortífera.

Hora que excede a dúzia no tredécimo, em que todas as lágrimas são óbulos, universo de grânulos e glóbulos que rola de decréscimo em decréscimo.

Hora que assombra e ensombra a área catótrica,

que escurece e entardece sem revérbero, hora da escuridão atra e cimótrica que habita as furnas onde habita o Cérbero!

Hora que enturva e abruma nos crepúsculos que tristes vagam no horizonte fúmido, e está no abafamento dos arbúsculos que extravasam de um chão retinto e úmido.

Hora negra que tisna os montes próceros com névoas e bulcões apocalípticos... Hora que agita o bando dos helóceros que voam sobre os pântanos mefíticos...

Essa é a hora final da tumba abiótica, porque é do Nada o verdadeiro artífice! Essa é a hora da Morte, hirta e carótica, que move a mão do executor carnífice!

Futebol brasileiro evocado da Europa

A bola não é a inimiga como o touro, numa corrida; e embora seja um utensílio caseiro e que se usa sem riscos, não é o utensílio impessoal, sempre manso, de gesto usual, um utensílio semivivo, de reações próprias como bicho, e que, como bicho, é mister (mais que bicho, como mulher) usar com malícia e atenção dando aos pés astúcias de mão.

João Cabral de Melo Neto



Pergunto: - para nós, o que é o escrete? Digamos!

- é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: - o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós.

